



TAXA PAGA  
MAXIMINOS - BRAGA  
PORTUGAL

DIRECTOR: JÚLIO HILARIÃO VAZ  
ANO XLIX — Nº 1021  
15 de Janeiro de 1995

QUINZENÁRIO  
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15

Preço Avulso — 80\$00  
Tiragem da última edição  
1.800 exemplares



PORTE PAGO

## A PROPÓSITO DO «MELGAÇO HOJE»

# O Boletim camarário passa a mensal?

Acaba de sair o primeiro número «Melgaço Hoje», dirigido pelo Prof. Luís Manuel dos Santos Vale que foi vereador a tempo inteiro com Rui Solheiro. O proprietário é a «Associação Inês Negra».

No Editorial, o Director vê-se mal, pois não consegue justificar com verdade transparente o aparecimento de um novo jornal. Citamos algumas das passagens:

«Vemos esta publicação como um meio de divulgação dos nossos valores tradicionais e que tão ricos são, fazendo chegar aos leitores costumes e tradições, coisas simples como o povo, sugerindo, indicando relatando.

Procuraremos ser, acima de tudo, um órgão de informação que, de certa forma, possa aportar (sic) benefícios de ordem vária.

Estamos certos que, neste pequeno jornal, os temas serão tratados com elegância e veracidade, negando, a tudo e a todos, oportunidades de ferir susceptibilidades alheias ou de se desviar das normas de uma conduta irrepreensível no que a boa educação ou mesmo princípios morais se refere (sic). Segue-se um parágrafo em que se diz que o jornal foi: «fundado pela necessidade de preencher um espaço que se vinha sentindo vago e que, curiosamente, terá sido mais notado numa recente visita a uma Associação de portugueses».

E para que não restem dúvidas de que é um Boletim Camarário, na primeira página, aparece logo anunciada, com fotografia, uma entrevista ao Presidente da Câmara, uma foto da Creche e Jardim de Infância em construção pela Santa Casa e o título «Os Melgacenses têm um Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento». Na última página aparecem três textos: um sobre a Feira do Mel, outro sobre as actividades dos Bombeiros e um terceiro sobre a abertura do Banco «Nova Rede» em Castro Laboreiro. As páginas centrais, 6 e 7, são preenchidas com a entrevista ao Presidente e as respectivas fotografias. A página 8 é a transcrição da «Introdução» ao Plano de Actividades e Orçamento para 1995 que repete exactamente o mencionado na entrevista. Na página 2 e parte da 9, insere-se um texto: Turismo: viagens e encontros com culturas». Ainda na 2, vem o desenvolvimento do GAD (Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento). Na 3, relata-se o encontro com Manuel Lima sobre a Santa Casa, fala-se do atraso na aprovação final da Ponte do Peso e afirma-se que é mentira que a estrada de Monção - S. Gregório seja mais estreita que a de

Valença -Monção! (Devemos estar todos cegos!!) Transcreve-se o que o P. Aníbal diz sobre a «Ponte de Dorna» e, na pág. 9, sobre a de Varziela, ficando para a pág. 10 a «Ponte das Veigas». Nas páginas 4,5 e 9 há uma passagem pelas 18 freguesias que, no essencial, resume algumas das obras do plano de Actividades de 1994. A pág. 10 é para o Desporto e «O Cantinho dos Bombeiros» dedicada deste «as actividades culturais da «Escola de Música». Na pág. 11, há um conto de Natal, um pequeno texto sobre o Natal, uma receita de «Tostas Douradas» e dois poemas: «Hoje e Amanhã» de José Serrano, e «Televisão» de F.A.I.J. Para se ver bem como é um jornal de «Hoje», basta dizer que, desejando Boas Festas de Natal, só chegou no Fim de Ano aos estabelecimentos onde podia ser levantado, pois este primeiro número foi oferta! Pelo Correio só chegou já com o Novo Ano bem entrado.

## Os Equívocos! Dialogando com o Carriço

Transcrevemos o essencial do Editorial e nada nele existe que justifique objectivamente a publicação de mais um jornal, pois que as finalidades apontadas são, há mais de 48 anos, algumas das nossas. Tanto assim é que, quando se fala em «espaço que se vinha sentindo vago», nada se diz sobre o que realmente falta ou não é coberto pelos outros jornais existentes.

No último número de «A Voz de Melgaço», na página 8, o colaborador «Carriço», desde Queluz, interrogava: «Será possível que o jornal de Melgaço só nos diga o que se passa a nível da Câmara Municipal pela voz da oposição?» E continuava: — «Porque é que ninguém discute o Melgaço de hoje?»

— Porque é que não existe uma relação directa entre a Câmara e o jornal? Não existe um jornalista, «correspondente» para tal? — Arranjem-no!

— Não existe na Câmara um «porta-voz» para falar no jornal? — Arranjem-no!

Nós não queremos ficar na ignorância»

Nós que estamos fora, somos «Câmara» e «Voz» e o que pedimos é que o jornal nos informe e a Câmara passe a informá-lo.

Será que é assim tão difícil?  
Um jornalista e um porta-voz serão

aves raras na nossa terra? Não acredito»

Convém saber que já desde há muito que o nosso jornal pediu à Câmara para lhe fornecer elementos sobre projectos em estudo, iniciativas lançadas, prioridades, etc. Para tal, sugeriu-lhe enviarem cópia das actas das reuniões camarárias e outros documentos. Com os meios limitados que são os de um jornal que tem de viver com a dignidade de quem se sustenta a si mesmo e só pode vir para a rua, porque há uns poucos que sacrificam muito tempo para ele, sempre procuramos dar o máximo de informação. E tivemos de ser nós a insistir com o Presidente e o então Vereador Luís do Vale para ir apresentando as notícias. E se folhearmos os jornais, veremos que todos os acontecimentos importantes a nível de realizações foram noticiados, mesmo que tendo de fazer um enorme esforço, dado que o corpo central da Redacção vive e trabalha em Braga. Nunca a Câmara teve a delicadeza de nos enviar qualquer documento informativo excepto o boletim anual.

Já agora convirá recordar que, há 5 anos, elaboramos umas perguntas a todos os presidentes das Juntas de Freguesia e só nos respondeu o já falecido António Carpinteiro, de S. Paio! O Presidente da Câmara respondeu-nos, embora tivéssemos que insistir. A oposição da altura não respondeu à entrevista. Durante mais de 4 anos, enviamos o jornal gratuitamente, para todas as Escolas Primárias do Concelho e para a Preparatória e Secundária. Pedimos que colaborassem, que se servissem do jornal para entrar em contacto com outras escolas do país e da comunidade de emigrantes... e recebemos apenas uma única colaboração! Ultimamente, tem participado a Escola de S. Paio.

É isto, caro Carriço! O amigo não faz ideia dos esforços que fazemos, mas a gente tem medo de escrever, porque tem medo de ser censurada e retaliada. Um famoso correspondente disse-me isso mesmo e vários se escusaram a colaborar com receio de que pudessem ser vítimas de chantagem! E repare que bastou o jornal abrir as portas às críticas e tomadas de posição que a oposição tem dado a conhecer para que o poder político instalado se sinta obrigado a transformar o Boletim anual em Boletim mensal sob a capa de jornal independente. Em vez de colaborarem abertamente e discutirem com elevação as observações da oposição e de outros colaboradores, remetem-se ao silêncio e tentam encobrir as dificuldades que encontram metendo a cabeça na areia.

Cont. na pág. 6

## Para este Ano Novo

# «A família, a fé e os amigos»

Nos finais do ano passado, efectuou-se, na cidade de Lisboa, o Congresso de Agentes de Viagens, no qual pontificavam os Norte-Americanos. Entre os participantes esteve George Bush, ex-Presidente dos Estados Unidos da América, e foi orador destacado desse Congresso.

No seu discurso falou dos valores fundamentais da vida humana. E enumerou-os: «a Família, a Fé e os Amigos».

Vivendo nesta Europa velhinha, com séculos de existências, onde predominaram esses valores, agora esquecidos ou menosprezados, é de assinalar a voz de um Norte-Americano que nos lembra, a todos, os valores fundamentais da sociedade: a Família, a Fé e os Amigos.

Ainda bem que um grande do nosso século, e grande na política da Nação mais rica e poderosa do Mundo, nos lembra os valores fundamentais da vida, e, portanto, da vida social e cívica.

A família tão maltratada nos nossos dias por Governos que tentam destruí-la, por políticos que a tentam prejudicar, por correntes materialistas que anseiam pela sua destruição, precisa de quem a apresente como um valor insubstituível para a sociedade. Bem haja, George Bush.

Os Norte-Americanos, incluindo os mais salientes na política nacional, são crentes, são religiosos. E afirmam-no às claras, sem medo, sem vergonha, sem respeito humano.

É a Fé a animá-los, a fortalecerem, a guiá-los.

Hoje são muitos os que só pensam no estômago, no consumismo, no gozo.

Curioso registar que nos países mais ricos da Europa é onde há mais suicídios, abarcando as idades até aos 45 anos.

Quer dizer, quando a vida está fogosa e sonhadora é que se registam os suicídios. Por que razão se lhes não falta juventude e riqueza? Falta-lhes a Fé para sentirem que as riquezas, os gozos, as vaidades não produzem a felicidade. George Bush apontou, ainda, como valor fundamental, os Amigos. Quem tem um bom amigo tem um grande tesouro.

Por saber que os amigos sinceros rareiam, numa festa, um orador, quando brindava no final de um jantar, disse ao jovem festejado: «Confia em Deus, confia em Ti, confia nos teus Pais». Boa recomendação.

Mas também tem de fazer por ter amigos. Bons amigos. Nunca serão muitos.

Não estão a acusar os Partidos Políticos portugueses de que têm em seu seio muitos oportunistas, que os prejudicam?

Ainda que seja verdade, temos de procurar fazer amigos. Só assim aprenderá a viver, e viver em felicidade.

Os amigos interesseiros não interessam, são traidores.

Procuramos, todos, neste ano de 1995 cultivar os valores fundamentais de que falou George Bush no Congresso dos Agentes de Viagens, efectuado em Lisboa: «Família, Fé e os Amigos».

Júlio Vaz

## Pela Câmara Municipal A desumanidade da Câmara Socialista

Passou a linda quadra do Natal, em que por toda a parte se cuidou de suavizar a vida dos que sofrem: os famintos, os doentes, os pobres, os deficientes, etc.

A Televisão portuguesa deu-nos essa linda e belíssima celebração. A Câmara Socialista de Melgaço não compreendeu nem o espírito do Natal nem o significado das festas realizadas a favor dos infelizes. É que a Câmara Socialista preferiu os que já tinham festa garantida — os seus funcionários — aos pobres, aos doentes, aos incapacitados do lugar da Cidade de Paderne.

Vejam os leitores a prova do que escrevemos na página 13».



# Da Vila e Concelho

## Dr. João Manuel Gonçalves de Barros

Numa curta visita a seus familiares, esteve entre nós, o nosso conterrâneo Sr. Dr. João Manuel Gonçalves de Barros, distinto especialista de Otorrino em Coimbra.

Ao Dr. João Manuel, um abraço e os nossos cumprimentos.

## Nascimento

Na Maternidade do Hospital de S. João da cidade do Porto, deu à luz um menino a Sra. Dra. D. Emília Montes (Contabilista), esposa do nosso conterrâneo Sr. Paulo Montes, Dgmo. Jornalista do Jornal «A Bola», na cidade do Porto.

Ao recém nascido desejamos muitas felicidades e a seus pais, os nossos parabéns.

## Dr. António Augusto Tábuas

Acompanhado de suas filhas Liliã e Cristina (estudantes), tivemos o prazer de ver entre nós de visita a seus familiares, o nosso conterrâneo Sr. Dr. António Augusto Tábuas, distinto médico do Centro de Saúde de Tarouca.

Ao nosso amigo Dr. António Tábuas e filhas, um abraço e os nossos cumprimentos.

## Aniversário

Festejou o seu aniversário natalício, a Sra. Dra. D. Clarisse da Fonseca Douteiro Carriou, esposa do Sr. Dr. Francisco Carriou, residentes em Vila Formosa, Estado de São Paulo – Brasil.

Os nossos parabéns, com desejos de longa vida.

## José de Brito Fernandes

Numa curta visita a seus familiares, esteve entre nós, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. José de Brito Fernandes (solicitador), acompanhado de sua esposa Sra. Dra. D. Maria Amélia de Brito Fernandes, residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

## Nascimento

Na Maternidade de CHELLES – FRANÇA, deu à luz um menino a quem foi posto o nome de Guilherme Igrejas Moreira, a nossa conterrânea Sra. D. Rita Maria de Castro Igrejas e do Sr. Francisco Moreira. O recém nascido é neto materno do nosso estimado assinante e colaborador Sr. Adolfo Mário Igrejas e da Sra. D. Maria de Lurdes Pereira de Castro Igrejas e paterno do Sr. Francisco Moreira e da Sra. D. Almerinda Bernardes Moreira.

Muitas felicidades para o Guilherme Igrejas Moreira e os nossos parabéns, para os seus pais e avós.

## Viagem à Inglaterra

Em viagem de visita a seus familiares, partiu para a cidade de York – Inglaterra, a nossa conterrânea e estimada assinante Sra. D. Cordália Santos do Val, onde vai permanecer cerca de dois meses.

Desejamos que tivesse feito boa viagem e feliz regresso.

## Aniversário

Festejou o seu aniversário natalício o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. José Carlos Colmeiro, funcionário da «Garagem Lima», desta vila.

O aniversariante teve a gentileza de oferecer um almoço em sua casa a inúmeros amigos e familiares.

Os nossos parabéns.

## Baptizado

Na Igreja de Santo Estevão em Valença, foi baptizado um menino a

quem foi posto o nome de Cláudio Samuel, filho do nosso conterrâneo Sr. Carlos Araújo, funcionário do Banco Borges e Irmão na Agência desta vila, e da Sra. D. Arminda Urze de Araújo.

Foram padrinhos os tios António Urze e esposa D. Sara Urze.

O santo sacramento do baptismo, foi administrado pelo Rev. P. José Maria, pároco daquela localidade. Após terminadas as cerimónias, foi servido a inúmeros convidados e familiares, um requintado almoço no luxuoso Restaurante «ROCA MAR» em Baiona – Espanha.

Ao neófito desejamos muitas felicidades e a seus pais, os nossos parabéns.

## Henrique de Castro

Acompanhado de sua esposa Sra. D. Irene de Sousa e Castro, esteve entre nós, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Henrique de Castro, radicados em França, há muitos anos.

Os nossos cumprimentos.

## NECROLOGIA

### D. Maria das Valas

Na sua residência da Rua Direita desta vila, faleceu com a provecta idade de 87 anos a nossa conterrânea Sra. D. Maria das Valas, viúva do saudoso Sr. Manuel da Silva (Agente da Guarda Fiscal).

A extinta, pessoa de respeitabilidade e muito considerada no nosso meio, era mãe do Sr. Manuel José da Silva, funcionário judicial, casado com a Sra. D. Maria da Saudade Alves da Silva, funcionária do Centro de Saúde desta localidade, avó

da Sra. D. Maria de Fátima Alves da Silva Domingues, casada com o Sr. José Carlos Domingues (ausentes em França), dos senhores Dr. António José Alves da Silva; Manuel José Alves da Silva, e visavó do jovem estudante David Alexandre da Silva Domingues. O seu funeral realizou-se com grande acompanhamento, seguido de missa de corpo presente a quem presidiu o Rev. Dr. Manuel Augusto Alves, pároco da vila, acolitado pelo Rev. P. Justino Domingues.

A toda a família em luto, apresentamos sentidas condolências.

Alfredo do Paço

## José Manuel Cardoso

Com a idade de 65 anos, faleceu no Hospital Distrital de Viana do Castelo, onde se encontrava internado, o nosso prezado bom amigo conterrâneo e nosso estimado assinante Sr. José Manuel Cardoso (mais conhecido pelo Zé do Raúl), soldado da ex-Guarda Fiscal, hoje G.N.R., na situação de reserva.

O extinto, pessoa dotada de qualidades de carácter e bondade, que sempre o impuseram à geral consideração e amizade de que gozava no nosso meio, era casado com a Sra. D. Maria dos Anjos Moreira Cardoso, pai das senhoras Dra. D. Bernardete Cardoso; D. Fátima Cardoso (Professora), casada com o Sr. Henrique Benites; D. Maria de Jesus Cardoso, casada com o Sr. Avelino Afonso; D. Paula Cardoso (Enfermeira) e do Sr. José Cardoso, irmão dos nossos estimados assinantes senhores Aurélio Cardoso; Raúl Cardoso; João Cardoso (Jóny) e das senhoras D. Generosa Cardoso; D. Fátima Cardoso e D. Lurdes Cardoso.

O seu corpo foi trasladado para esta vila, onde se realizou o funeral com missa de corpo presente a quem presidiu o Rev. Dr. Manuel Augusto Alves, pároco da vila, acolitado pelo Rev. P. José Rodrigues Afonso, pároco da Gaviéria – Peneda e pelo Ministro Extraordinário da Comunhão Marco Martins.

A urna foi coberta com a Bandeira Nacional e acompanhada por uma Guarda de Honra da Brigada Fiscal da G.N.R., comandada pelo Cabo Dinis Senra.

Foi enorme o acompanhamento o que não é para admirar, se se tiver em conta as inúmeras amizades e o prestígio que o extinto tinha na nossa terra.

A toda a família em luto, apresentamos sentidas condolências.

Alfredo do Paço

## Vitor Penúrias

No Hospital desta vila, faleceu o nosso conterrâneo Sr. Vitor Penúrias, de 36 anos de idade, elemento dos Bombeiros Voluntário de Melgaço, pessoa muito estimada no nosso meio, dadas as suas qualidades de trabalho e amigo do seu amigo.

No seu funeral que se realizou com missa de corpo presente a quem presidiu o Rev. Dr. Manuel Augusto Alves, pároco da vila, incorporaram-se muitas pessoas vindas de diversas localidades, bem assim como um piquete dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, acompanhado do seu Comandante Sr. Armando Américo Rodrigues de Sousa.

No cemitério, quando o corpo era dado à terra, «A Sirene» silvou com três toques, em homenagem de gratidão a quem tão bem soube honrar a sua terra e defender o Lema «Vida por Vida».

À família em luto, apresentamos sentidas condolências.

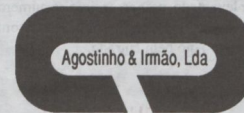
Alfredo do Paço

Cont. na pág. 3

## Serralharia Rodrigues & Sarandão

*Possuidora de moderna maquinaria e pessoal apetrechado, realiza com perfeição e em óptimas condições todos os trabalhos da especialidade*

Boavista — Roussas — Telefone 43567



Agostinho & Irmão, Lda

**Construção e venda de apartamentos, terrenos e lojas**

ESCRITÓRIO:

Av. General Norton de Matos, Nº 26 – 1º – Sala 5  
Telef. 612287 4700 BRAGA

## Dr. Paulo Malheiro

ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães, nº 7 – 1º Dto  
Telefone 4940478 • 2700 AMADORA

## Maria Carolina R.L.A. Dias de Castro

Agente distribuidora dos vinhos do Porto

Av. Dr. António Durães  
Telefs. 42302 / 43113 4960 MELGAÇO



Barros

Porto

## Dr. Oliveira Rodrigues

ADVOGADO

Rua Dr. António Durães  
MELGAÇO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Proprietária de

«A VOZ DE MELGAÇO»

Director:  
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector:  
CARLOS NUNO SALGADO VAZ

Redacção e Administração:  
Largo da Senhora-a-Branca,  
nº 105 – Tel. 214284  
4700 BRAGA

Composição e Impressão em Offset:

Litografia A.C.  
R. Cons. Lobato, 179 R/C  
Tel. 72967 – Fax 612008  
4700 BRAGA

Assinatura anual:  
2.250\$00

Compre agora e pague em 12 meses

em

## Móveis Castelo

de:  
Ramiro de Lima A. Corqueira

Rua das Escolas  
Telef. 42695 • 4960 MELGAÇO

Exposição: Rua da Calçada



CONSTRUÇÕES

## GUERREIRO & LIMA, L.DA

constrói – aluga – compra  
vende casas e apartamentos  
qualidade, bom preço

Escrit. – Rua do Fajal nº 20 – R/c – Telef. 73337  
Resid. – Rua do Pinheiro, 113 – Nogueira – Telef. 683103 – BRAGA

## Electrotécnica

António Salha & Irmão

~ Rádio  
~ Instalações Eléctricas  
~ Televisão  
~ Amplificações Sonoras

Agentes da SIEMENS

Assistência Técnica Qualificada

Praça da República • Telef. 42294  
4960 MELGAÇO



Cont. da pág. 2

## De Parada do Monte

### 01-01-95

#### Vida Religiosa

Celebraram-se as devoções do mês do Rosário, mês das Almas, novena da Imaculada Conceição e Menino Jesus, todos os dias, às sete da manhã, horário que ainda hoje se mantém para as missas paroquiais, seja ao domingo, seja durante a semana.

Também se celebrou o Sagrado Lausperene, de dia e de noite, terminando com a festa em honra do Coração de Jesus. Todos estes actos foram feitos com esplendor e participação quase total da população. No último dia do Lausperene houve sacerdotes para atender de confissão.

Quase podia dizer que se confessou toda a gente presente nesta ocasião.

Ainda continua a comungar um bom número de devotos nas missas dominicais.

No início do mês e no fim houve a procissão ao cemitério e sufrágios por todos os falecidos.

No próximo dia um celebra-se a Festa do Menino Jesus, na forma do costume com a arrematação dum grande e valioso Ramo. Consta este de carne, chouriças, galinhas, perís, patos, coelhos, bacalhau, objectos de perfume, mercearia, segredos, e diversas outras coisas. É Rico! Vamos a Ele, rapaziada!

## Falecimentos

Foram chamados à presença da

Deus: Manuel Esteves da Ferreira, do lugar Tablado, falecido em França. Por viver lá a esposa, uma filha e genro, foi lá sepultado.

Também faleceu a Senhora Albertina do Montinho. Em virtude de a família estar em França, foi amparada pelos vizinhos, que nunca a abandonaram.

Paz às suas almas.

A Junta da freguesia vai continuando os trabalhos projectados pela anterior.

Falta ainda o saneamento para o qual já se tinham principiado as escavações para a fossa dos esgotos da Aldeia Grande, Carrascal, Casal, Tablado e Chão do Bezerro. Fica no campo da Igreja, cedido para esse efeito pelo pároco e membros da Corporação Fabriqueira. Também já se encontram os canos para esse efeito, desde há um ano, junto da Casa da Junta. Dizem que vão prosseguir os trabalhos neste ano de 1995.

Também a junta, por ocasião das eleições, segundo dizem, pois eu não o sei, prometeu a estrada para a Mulher Boa, para a Fundeira e para a Gave por Mourilhão e talvez também pela Baldosa.

Oxalá a realização destas promessas se concretize o mais breve possível.

## Confrarias

Já estão nomeados os membros da Confraria das Almas, sendo todos do lugar do Coto, e para a Confraria do Carmo, todos do lugar do Paço.

Da mesma forma foram nomeadas as encarregadas da limpeza da Igreja, dos Pousos nos funerais, da Cruzada, etc, para 1995. Tomam posse no dia um. Por hoje basta.

C.

## De Paderne - Peso -

No Peso, muito especialmente no Natal, Ano Velho e Ano Novo, verificou-se grande afluência de pessoas que vindas de localidades longínquas, se hospedaram na Albergaria Restaurante Boavista, a fim de assistir às tradicionais festas e apreciar a gastronomia do Alto Minho acompanhada do afamado vinho branco Alvarinho e outros.

O parque de estacionamento privado estava repleto de viaturas.

O meu grande Amigo Armando A. Gonçalves «Quintela», nosso prezado assinante, escreveu-me do Bairro da Tijuca - Rio de Janeiro, uma carta que foi uma grande surpresa e, nem só essa como outra que muito agradeço. Ele e a Esposa D. Lourdes telefonaram-me no dia de Natal, por volta das 20.00 horas, a desejar-me um Bom Natal e Feliz Novo Ano 1995.

Eu também dei resposta à carta dele e sei que a recebeu no dia 23 do 12. Fiquei satisfeito.

Na carta que lhe escrevi influenciei-o a visitar a terra que o viu nascer, pois, na carta que me escreveu, noto que tem muitas saudades dela e não é de admirar.

Logo que te seja possível, arranca e vem encher esses pulmões de ar puro, do que muito deves necessitar.

## NECROLOGIA

No dia 20 de Dezembro, faleceu no lar de Idosos da Vila de Melgaço, Isaura Nunes, viúva, de 72 anos de idade, natural do lugar de Várzea. A finada foi transportada em auto-fúnebres, no dia seguinte para a Igreja desta freguesia onde teve missa de corpo presente indo depois a enterrar

no cemitério local. A toda a família entulhada os nossos sentimentos.

Também no dia 29 de Dezembro faleceu na sua residência, no lugar de Várzea, a senhora Florinda Dias, viúva, de 92 anos de idade. O seu funeral realizou-se no dia seguinte para a Igreja de Alvaredo onde teve missa de corpo presente, finda a qual foi a enterrar no cemitério local. Esta senhora só nasceu para o trabalho e só deixou de o fazer quando as suas energias se esgotaram. O seu funeral foi prova evidente de quanto era estimada no meio em que vivia.

Que Deus lhe dê o eterno descanso. E no dia trinta de Dezembro faleceu na sua residência no Peso, o senhor Silvestre Fernandes, casado, de 84 anos de idade. O seu funeral teve lugar no dia 31 para a Igreja de Paderne, onde teve missa de corpo presente indo depois a enterrar no cemitério local.

O seu funeral foi muito concorrido, levando em conta a estima de que o finado era merecedor.

A todos os seus familiares em luto as nossas sentidas condolências.

D.S.

## Fizeram anos no mês de Janeiro

No dia 1, as Sras. D. Leonor Rodrigues Teixeira, D. Flavinia dos Anjos Soares, D. Maria Angelina da Costa Velho, os Srs. José Justino Gomes de Sousa e Arnaldo Ribeiro Carvalheiro; no dia 2, o Sr. José Maria Dias Alves; no dia 3, as Sras. D. Maria Teresa de Almeida Cerdeira, D. Maria Helena Igrejas Ribeiro e o Sr. António da Rocha Lima; no dia 4, a Sra. D. Maria Angelina Pereira Lima, os Srs. António Manuel Cerdeira, Carlos de Jesus Antoninho e o menino Pedro Miguel Ribeiro de Vasconcelos; no dia 5, as Sras. D. Maria Ermelinda de Almeida, D. Maria Fernanda de Melo e o Sr. José Joaquim Castro Gonçalves Ribeiro; no dia 6, a Sra. Noémia dos Reis Afonso Esteves; no dia 7, as

Sras. D. Maria Fernanda de Almeida Cerdeira, D. Rosa Maria Rodrigues e o Sr. José Luis Afonso; no dia 8, a Sra. D. Maria Isabel Ribeiro Fernandes; no dia 9, a Sra. Maria Isabel Afonso Barros, o Sr. António Rui Esteves Solheiro e o menino Gilberto Pires; no dia 10, o Sr. António Cachada; no dia 11, as Sras. D. Maria Angelina Esteves de Sousa, D. Maria de Jesus de Sousa e o Sr. Sérgio Rui Saverda Marinho; no dia 13, os Srs. Henrique Manuel Ribeiro Lima, Manuel Luis Gonçalves Merim e a Mad. elle Célia Maria Antoninho; no dia 14, as Sras. D. Maria do Sameiro Sousa Cerqueira, D. Carolina Júlia Esteves Solheiro, D. Maria da Encarnação Pereira e o Sr. António Manuel Domingues.

## Fazem anos: hoje

No dia 15, as Sras. D. Lúcia Isaura da Silva Almeida Santos Lima, D. Umbelina Augusta Calheiros da Cunha, D. Eugénia da Graça Alves Fernandes e D. Maria das Dores Pereira; no dia 16, a Sra. D. Maria Ivone Ferreira da Silva Pardoal, os Srs. António José de Sousa Lima, João Manuel Domingues Afonso e Carlos Alberto Antunes de Sousa; no dia 18, a Mad. elle Maria Teresa Fernandes Rodrigues e o Sr. Humberto Fernandes de Sousa; no dia 20, os Srs. Luis Manuel Gonçalves e Rodolfo Carvalheiro; no dia 21, os Srs. Lindolfo Cicero Solheiro, Oliveira Joaquim Domingues e a menina Marina Raquel Araújo; no dia 22, a Sra. D. Inês de Jesus Gonçalves e o Sr. Jacob Celestino Fernandes Almeida; no dia 24, a Sra. D. Maria do Sameiro de Jesus Antoninho, os Srs. Mário Regueira Morais e Narciso Manuel Besteiro Martins; no dia 25, as Sras. D. Maria Fernanda Cardoso Alvim Gonçalves, D. Maria Olinda Almeida, D. Maria Manuel Pereira Pires e Mad. elle Maria Fortunata Gonçalves Cavalheiro da Costa; no dia 26, a Sra. D. Ana Paula Cerdeira e o Sr. Raúl António Tábuas; no dia 27, os Srs. José Luis Ferreira dos Santos Pardoal e Sebastião Oscar da Costa Cerdeira; no dia 28, a Sra. D. Maria Amélia da Costa Cerdeira Cerqueira; no dia 29, os Srs. Carlos Alberto Gomes de Sousa e Manuel Oceano Gomes de Sousa; no dia 30, o Sr. Manuel Miranda da Costa; no dia 31, a Sra. D. Maria Eugénia da Rocha.

## De Paderne

### A Missa do Emigrante

Foi no dia 8 de Janeiro 95 que se realizou a Missa do Emigrante nesta freguesia, por iniciativa da Digma.,

Cont. na pág. 4

## Dra. Maria Cândida Fonseca

ADVOGADA

ESCRITÓRIOS:

MELGAÇO: Largo Hermenegildo Solheiro • Telefone e Fax 44420

PORTO: R. do Cídal de Baixo, 6-1ª • Telefone 317200



## António Medela, Lda.

COMPRA E VENDA DE APARTAMENTOS EM MELGAÇO/MOLEDO/BRAGA

Carvalho do Lobo - Roussas • Tel. 45316 (fim de semana) 4960 MELGAÇO Residência: Tel. 44130

## JOAQUIM RODRIGUES TEIXEIRA & C<sup>a</sup>, LDA

Construções de Prédios para Venda Alta Qualidade a Preços Compatíveis

EM BRAGA:

Escritório AVENIDA CENTRAL, N<sup>o</sup> 54 - 1<sup>o</sup>

Telefones 27256 / 25185

## Laboratório Dentário de Melgaço



Na antiga Casa do Povo - Loja Nova

Oferece-lhe agora, a preços excepcionais e com desconto de 10%: Próteses acrílicas, fixas, ortodonzias e esqueléticas.

Consultas: terças e sextas. Sábados (durante a manhã).

## Conjunto Musical

## Contacto

O REGRESSO DO VELHO SENHOR

Telef. (051) 42651 - 658 • 4960 MELGAÇO

COMPANHIA DE SEGUROS



FIDELIDADE S.A.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Mediador: Anselmo Manuel Malheiro

Rua Rio do Porto, R/c • Vila • 4960 MELGAÇO  
Escrit. Tel. 44031 - Fax 44031 • Resid. Tel. 42525

## Bento Gomes

Materiais de Construção Civil

Telef. 42113  
4960 MELGAÇO

Manuel Luis Domingues Rodrigues

PROFISSIONAL DE INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

Residência e Armazém:  
CELA-ROUSSAS • 43191  
4960 MELGAÇO



Cont. da pág. 3

Comissão das Festividades de Nossa Senhora do Rosário.

Esta Missa esteve muito concorrida, tendo assistido muita gente e também alguns emigrantes, notando-se muito entusiasmo e muita fé.

Os actos religiosos começaram às 15.30 horas.

Os cânticos da Santa Missa, estiveram a cargo do Grupo Coral da freguesia, que mais uma vez soube actuar com muito brilho e eficiência.

Mas, para além de tudo isto, está a boa vontade do Revmo. P.º José Alberto de Sousa, pároco desta freguesia, que tem sido incansável, não se poupando a sacrifícios, na sua organização e orientação e ensaios. Por isso, bem merece uma palavra de apreço e de louvor.

O sermão, esteve a cargo do Revmo. P.º Agostinho Caldas, pároco da freguesia de Pias-Monção.

O orador na sua homilia, ao referir-se à Emigração, enalteceu os emigrantes e em dada altura disse: — Estamos aqui mais uma vez reunidos para prestar esta linda homenagem aos nossos emigrantes, que bem merecem.

Hoje, na vossa freguesia é o dia do Emigrante. É por isso que aqui estamos, pedindo ao Senhor a sua protecção. A sagrada Família de Nazaré, também emigrou, sentiu as mesmas dificuldades que vós sentistes quando deixastes as vossas terras. Este dia veio coincidir com o dia Reis, e é por isso mesmo, que deveis pedir ao Menino Jesus e a Nossa Senhora do Rosário, sua Mãe, que vos ajude e vos livre dos perigos, e quando voltardes de novo à vossa terra, vinde aqui à Igreja agradecer a Nossa Senhora e a seu filho, dizendo-lhes apenas: Muito Obrigado por tudo o que fizestes por mim».

No fim da Santa Missa, foi dado o Menino a beijar.

O.C.

## Novos Assinantes

Inscreveram-se como assinantes de «A Voz de Melgaço»: Artur Gonçalves, França; Álvaro Pires, Canadá; Soares José, França; António José Gonçalves Pereira, Prado, Melgaço. Os nossos agradecimentos.

## SOCIEDADE

### Manuel Francisco Codesso

Ao longo de trinta e sete anos a trabalhar em França, com a categoria de chefe de Chantier numa das maiores empresas daquele país, regressou à sua terra natal, freguesia de Paderne, deste concelho, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Manuel Francisco Codesso, acompanhado de sua esposa Sra. D. Maria Lina Domingues Codesso, que agora atingiram a sua aposentação.

A este simpático casal, que acaba de regressar à terra que lhes serviu de berço para descansar e disfrutar da melhor saúde na companhia de toda a sua família e amigos, desejamos as maiores felicidades, muitos e longos anos de vida a que tem jus.

### Bodas de ouro matrimoniais do casal Amélia Isabel e Manuel José Cortes

Em 26 de Dezembro, na igreja paroquial de Paderne, com o pároco

P.º José Alberto a presidir, comemoraram os 50 anos de união matrimonial os nossos amigos e assinantes Amélia e Manuel Cortes, residentes em Queluz, Lisboa.



Agradou-nos sobremaneira ver o cuidado com que prepararam a celebração litúrgica, quer pela bela escolha dos textos e dos cânticos, quer pelos pensamentos e poemas que inseriram e que nos dão bem a ideia da perspectiva cristã que os anima e lhes ilumina a vida.

Extraímos alguns dos pensamentos:

«Com fé constante, esperança renovada, e Amor cada vez mais profundo», citando João Paulo II.

«AMAR não é olhar-se mutuamente; é olhar em conjunto na mesma direcção».

*Não desanimes perante a vida, pois ela é bela,  
Só que os homens não souberam ver,  
Por isso existe tanta maldade,  
Tanto egoísmo, tanta dor,  
Tanta miséria, tanto horror,  
Temos que a mudar.*

*Junta-te a nós nesta tarefa muito difícil  
Mas necessária à Humanidade.  
Se nos unirmos p'lo Amor de Cristo,  
Teremos força para encontrar,  
Teremos força para levar,  
A esperança da união.*

Quando se celebra uma data tão marcante na vida das pessoas, como a da união matrimonial, e, passados 50 anos, se comprova quanto amor e es-

perança unem os dois esposos, unimono em louvor ao Senhor e pedimos-Lhe que em muitos mais casais possam existir os mesmos motivos de celebração.

Os amigos associaram-se e, após a celebração litúrgica de acção de graças, juntaram-se todos no banquete comemorativo e aproveitaram para tornar mais vivas as felicitações e os votos de vida com as bênçãos de Deus.

Parabéns ao simpático casal.

## De Paços NECROLOGIA

Na sua residência no lugar de S. Gregório, faleceu no passado mês de Dezembro, D. Ana da Conceição Enes, de 84 anos de idade. Era casada com o senhor Armindo Soares, mãe de Alípio Soares, José Soares e Rui Soares; sogra de D. Fernanda Soares e de D. Nazaré Alves Soares. No seu funeral que se realizou para o cemitério desta freguesia onde ela era natural, incorporaram-se várias centenas de pessoas vindas de várias localidades desta freguesia e vizinhas.

Também faleceu, há dias, na sua residência no lugar dos Casais, D. Maria Pires Gomes, de oitenta e tal anos de idade, viúva do saudoso senhor Armando Gomes. Deixa três filhos, todos eles de maior idade. O seu

funeral realizou-se no dia de consoada, para o cemitério local, onde teve missa de corpo presente.

As respectivas famílias, em nosso nome pessoal e em o da «Voz de Melgaço» apresentamos as nossas sinceras condolências.

## Outras Notícias

No passado dia 26 de Novembro e com a presença do Sr. Presidente da Câmara, foi inaugurado o arruamento e a encaenação das águas do lugar de Sá. No espaço de cerca de meia dúzia de anos, este lugar, já teve duas inaugurações: em primeiro, as ruas foram de calçada (portuguesa) e desta vez, as ruas foram cimentadas e canalizadas águas, quer para consumo doméstico, quer para rega. A autarquia com esta obra e com a outra, deve gastar uns bons milhares de contos. Oxalá desta vez a coisa fique para durar, porque, afinal, a freguesia ainda tem mais vinte e tal lugares e muitos destes lugares, bem precisam de melhoramentos. Ou será que só o lugar de Sá faz parte da freguesia? Nós não temos nada contra os habitantes daquele lugar, nem residimos em qualquer outro lugar pertencente à freguesia e dizemos isto, porque ouvimos os protestos dos habitantes dos outros lugares que nos parece serem justos, visto em meia dúzia de anos, gastar-se tanto dinheiro num só lugar, quando os restantes estão carenciados de outros melhoramentos talvez mais urgentes porque em alguns deles, nem acessos têm em condições, para lá poder entrar uma ambulância. Será que as autarquias

Cont. na pág. 5

## A. Pimenta de Castro

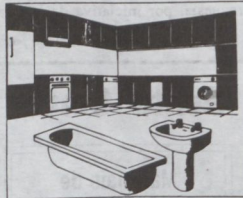
MÉDICO ESPECIALISTA

- Doenças Pulmonares
- Doenças Alérgicas respiratórias
- Provas funcionais respiratórias

Consultórios:

Torre do Liceu — 4º Andar • Tel. 821844 • Viana do Castelo  
Clínica de Monção • Tel. 652160 • Monção

## António Alberto Pinto de Oliveira



COMÉRCIO DE AJULEJOS,  
MOSAICOS,  
LOUÇAS SANITÁRIAS,  
BANHEIRAS,  
TORNEIRAS, ETC.

R. dos Galvões «Viv. Rosita e Oliveira» — Catuja  
Telef. e Fax 9412664 • Telemóvel 0676-451921  
2685 SACAVERM — Armazém nas Trazeiras

## ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes  
Agente Oficial das Marcas:  
AEG / TELEFUNKEN e GRUNDIG

Assistência Técnica  
Venda de Aparelhos  
Electrodomésticos

Rua do Rio do Porto  
Tel. 42650 • 4960 MELGAÇO



## Hotel Carandá

\* \* \*

Praceta João XXI — 4700 Braga  
Tel. 612 200 - Telex 32136 - Fax 612 211

Avenida da Liberdade, 96 — 4700 Braga  
Tel. 61 45 00 - Telefax 77030

Proprietário e Administrador:

*Manuel Rodrigues*

Cada cliente, um amigo: cada melgacense, um familiar.

## CLIMELGAÇO

CLÍNICA DE MEDICINA DENTÁRIA, LDA.

Gabriela Domingues • Manuel António Costa  
MÉDICOS DENTISTAS, pela Faculdade  
de Medicina Dentária do Porto

Rua Dr. António Durães • Telef. 44225 • Vila — 4960 MELGAÇO

## Agência Funerária Orquidea

COM AUTO-FÚNEBRE PRÓPRIO

Fazemos funerais e transferências para todo o País e Estrangeiro. Tudo relacionado com o Funeral e todo o trabalho em flores naturais.

Serviço permanente

Contacte-nos pelos telefones:

Diurno: em Melgaço = 43048

Nocturno: em Alvaredo = 42037

REPRESENTANTE AUTORIZADO DA FIRMA



Campas em Granito  
e Bronzes

Arte Funerária

Rua Dr. António Durães

## DECOR. ALTO.MINHO

DE Manuel Luís Domingues

**Cortinados • Varões • Sanefas**

Uma casa bem decorada é sinal de distinção e elevação.

Estrada Nacional - Vila • Telf. 43903 • MELGAÇO



Cont. da pág. 4  
estão a ser justas nos seus critérios, ou haverá aqui discriminações? O Sol quando nasce, deve ser para toda a gente.

C.

**NECROLOGIA**

**José António Lourenço**



Na sua residência da Rua da Calçada desta vila, faleceu o nosso prezado bom amigo conterrâneo e estimado assinante Sr. José António Lourenço, comerciante e industrial desta localidade.

O extinto, pessoa dotada de qualidades de carácter, de bondade, de trabalho e chefe de família exemplar, que sempre o impuseram à geral consideração e amizade de que gozava no nosso meio, finou-se com a idade de 61 anos, causando a sua morte profunda consternação a todos quantos o conheciam ou que com ele privavam.

Era casado com a Sra. D. Maria da Conceição Garcia Lourenço, pai de Anália Maria Garcia Lourenço, aluna do 2º ano da Faculdade de Engenharia da Universidade do Minho, irmão dos senhores Manuel Domingos Lourenço, Engenheiro Domingos Lourenço, das senhoras Dra. Maria de Lurdes Lourenço e D. Adélia Lourenço.

No seu funeral que se realizou com missa de corpo presente a que presidiu o Rev. Dr. Manuel Augusto Alves, pároco da vila, acolitado pelo Ministro Extraordinário da Comunhão Sr. Marco Martins, incorporaram-se algumas centenas de pessoas, vindas de diversas localidades do nosso país e da vizinha Espanha, bem assim como o Corpo Activo dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, que prestaram as devidas honras, ao seu sócio benemérito e membro da Direcção, o que não é para admirar, se se tiver em

conta o prestígio e as amizades que o extinto tinha na nossa terra.

«A Voz de Melgaço» sensibilizada, apresenta a toda a família em luto, as suas mais sentidas condolências.

Alfredo do Paço

**AGRADECIMENTOS**

**Ana da Conceição Enes – S. Gregório**

A Família da saudosa extinta, vem por este único meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à última morada e lhe manifestaram o seu pesar, bem como àquelas que se interessaram pela sua saúde, testemunhando a todas o seu eterno reconhecimento.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

**José Alberto de Castro Portela – Chaviães**

Sua Família, na impossibilidade de o poder fazer particularmente, vem muito reconhecida agradecer a todas as pessoas que acompanharam o saudoso extinto à sua última morada e lhe manifestaram o seu pesar, bem como a todas aquelas que assistiram aos actos de culto.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

**Preciosa Bento Alves Crasto – Rouças**

A família de Preciosa Bento Alves, que foi do lugar do Crasto, da freguesia de Rouças, vem por este meio manifestar publicamente o seu agradecimento reconhecido a todos quantos lhe apresentaram sentimentos de condolências por ocasião do falecimento da saudosa extinta e bem assim a todos quantos se incorporaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

**Augusto Gonçalves Cristóval**

Sua família vem por este único meio agradecer publicamente a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor ocasionados pela morte do seu ente querido, bem como a todos quantos lhe apresentaram os sentimentos e sobretudo aos que participaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

**Zulmira de Jesus Meleiro**

Os filhos e demais família de D. Zulmira de Jesus Meleiro, natural de Lobiô-Rouças, Melgaço, e falecida em Braga, profundamente sensibilizados, agradecem a quantos lhes manifestaram a expressão dos seus sentimentos, assistiram ao funeral da querida e saudosa extinta ou se associaram a algum dos sufrágios pelo seu eterno descanso.

Aproveitamos a oportunidade para pedir desculpa de algum lapso involuntário, verificado no anúncio deste doloroso acontecimento, e para informar que a missa do 30º dia será celebrada no próximo dia 16 de Janeiro, na igreja de S. Vicente, às 19 horas e 15 minutos, agradecendo, desde já, a quantos se dignarem participar.

Pela Família  
Teresa da Piedade Marques  
Cónego Doutor José Marques

**De Rouças FALECIMENTOS**

**Preciosa Bento Alves – Crasto**



Em 13 de Dezembro, dia de Santa Luzia, no hospital de Argenteuil, França, onde tinha sido internada uns tem-

pos antes, faleceu a senhora D. Preciosa Bento Alves, de 84 anos de idade, viúva do saudoso Eduardo Fernandes, e estremosa mãe de António, José, Edite e Maria Fernandes, e irmã de Vítor Meleiro Alves, Alcindo, Rodolfo, Arlindo, Henrique e Artur Alves, sogra de Manuel Alves, Carlos Cardoso e Sara Carpinteiro, avó de Leonor, Henrique, Catarina, Lídia, Fernanda, Lurdes e Isabel, estas duas últimas vivendo em Lisboa.

O funeral realizou-se no dia 17, para Rouças, com espera na Ponte da Carpinteira, cortejo fúnebre até à Igreja, acompanhado por muitas pessoas amigas e das relações dos seus familiares, missa exequial presidida pelo pároco, P.º António Esteves e concelebrada pelos P.ºs Carlos Nuno e Júlio Vaz, acompanhada a cânticos e ao som do harmónio. Seguiu-se a sepultura em jazigo de família.

De França, a acompanhar, vieram os dois filhos que ainda lá trabalham: Maria, com quem vivia desde que foi para França, e José. De Braga, veio a filha Edite com quem também convivia enquanto esteve em França.

A toda a família, onde contamos com bastantes amigos e assinantes, apresentamos as mais sentidas condolências, juntando-nos na prece pelo seu eterno descanso.

**Zulmira de Jesus Meleiro – Lobiô, vivendo em Braga**



Em 16 de Dezembro, em casa de sua filha Teresa Piedade, faleceu a senhora Zulmira de Jesus Meleiro, viúva do saudoso Manuel Marques e mãe carinhosa do Cónego Dr. José Marques e de Teresa da Piedade Marques. Era natural de Lobiô e só há relativamente poucos anos passou a residir em Braga. Contava 82 anos.

O funeral foi no dia 17, na igreja de S. Vicente, tendo concelebrado

várias dezenas de sacerdotes amigos e foi presidido pelo Senhor Arcebispo D. Eurico.

O corpo da saudosa extinta ficou inumado em jazigo de família, em Braga.

Aos seus filhos, netos, genro e demais família apresentamos as nossas sentidas condolências, especialmente aos Dr. Maria e Manuel, à estudante universitária Margarida e ao neto mais novo, Miguel.

**Presépio**

Merece destaque, mais uma vez, o trabalho realizado pelo grupo de rapazes liderado pelo António Esteves, do Telheiro, e que teve como fruto o majestoso presépio montado na Igreja paroquial. Além da arte e engenho, exigiu muitas horas de trabalho de um numeroso grupo de rapaziada que demonstra bem quanto de importante se pode fazer se se conseguirem dinamizar as pessoas para iniciativas em que acreditam.

Parabéns e que nunca esmoreçam.

**Festa do Menino**

Realizou-se este ano, pela primeira vez, no dia de Reis, a festa do Menino, com missa cantada, sermão e leilão de ofertas. A iniciativa pertenceu a um grupo de raparigas de vários lugares da freguesia e teve o acolhimento favorável do pároco e da generalidade das pessoas.

Parabéns também por mais uma iniciativa que ajuda a valorizar no bom sentido uma quadra tão festiva.

**Emigrantes que nos visitam**

Foram bastantes os que vieram ou para passar a quadra natalícia no ambiente familiar mais aconchegante da casa familiar, ou que aproveitaram esta data para fugir das intempéries em França e na Europa e, além de partilharem as festas natalícias, podem ajudar nos trabalhos agrícolas e de arranjo e melhoria dos bens e propriedades.

Todos referem que as coisas não estão famosas lá por fora. Há também muito desemprego; é muito difícil arranjar trabalho e, sobretudo, é ainda

Cont. na pág. 6

**Serralharia Artística**  
**C O D Y**  
Portas • Caixilhos  
Marquises  
(Tudo em Alumínio anodizado)  
de: Carlos Alberto Codesso  
Granjão – Paderne – Telef. 42244  
4960 MELGAÇO

**AM CONSTRUÇÕES**  
**Adelino Medela e Filhos, Lda.**  
«Orgulhamo-nos do que construímos»  
CONSTRÓI, COMPRA, VENDE APARTAMENTOS E LOJAS, EM BRAGA E PRAIA DE MOLEDO DO MINHO  
Visite-nos na: Avenida Norton de Matos, nº32 • 1º Dto. • Sala F (frente aos Correios no Largo dos Penedos) • Tel. 618525 • 4700 BRAGA

**DANIEL VIDAL**  
• Tacos • Parquês • Lamparquês •  
• Soalho • Forro • Vistas • Rodapés •  
• Cortiças •  
Fornecimento e Colocação  
Agente das Tintas Garpintex  
Estrada Rio do Porto • Tel. (051) 44361 • 4960 MELGAÇO

**Miraflor**  
A BOUTIQUE DAS FLORES  
Ramos de noiva, ornamentação de carros para casamentos, Decorações de igrejas, Arranjos de flores frescas, secas e artificiais, Coroas, Palmas, Bouquets, Corações, Etc.  
Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 44014 — Melgaço

**MINHOINVESTE** – NO TOP DA CONSTRUÇÃO  
João da Costa Pereira de Macedo • Ferreira Dias & Oliveira, Lda.  
CONSTRUIMOS E VENDEMOS COM QUALIDADE SUPERIOR  
HABITAÇÕES • LOJAS • ESCRITÓRIOS  
• “Terraços do Bom Jesus” — Rotunda do Feira Nova – Braga  
• “Edifícios Casa Nobre” — Av. 31 de Janeiro – Braga  
• “Parque Residencial do Alcaide” — Junto ao Governador Civil – Braga  
• “Parque Residencial Monte Carlo” — Rua de Santa Margarida – Braga  
• “Edifício Zende Palace” — Esposende  
Escritório: Av. da Liberdade, 498 - 1º Esq. • Telef. 26535 - 616424 • 4700 BRAGA



Cont. da pág. 5

mais difícil ganhar uma quantia de dinheiro que valha a pena todos os sacrifícios que é necessário fazer para estar longe da própria casa e terra. Conserva-se a esperança em dias melhores. Urge que a nossa terra se desenvolva muito mais e não seja tão madrastra para os seus filhos.

**Esquilos à solta**

Não era um animal autóctone da nossa terra, nem é. Mas alguém terá trazido um casal de longes terras, há uns anos, e o soltou no monte, de sorte que agora há muitos e se encontram com relativa facilidade a saltar de árvore para árvore com mais facilidade ainda do que os macacos. Dizem que se alimentam de pinhas dos pinheiros, entre outra alimentação que buscam.

**Fernando de Sousa**

Este bom amigo, residente na Quinta, proprietário do Mercado mesmo junto à Igreja Matriz, irmão do P.º José Alberto, encontra-se internado no Hospital de S. João por motivo de doença. Esperamos que a esposa, o filho, demais família e os muitos amigos o passem ver quanto antes com a actividade que desenvolvia.

Daqui lhe enviamos o abraço amigo e os votos de que se restabeleça totalmente.

**AGRADECIMENTOS**

**José Manuel Cardoso – Santo Cristo, Melgaço**

A família de José Manuel Cardoso, vem por este meio, agradecer pu-

blicamente a todos quantos se solidarizaram com a sua dor e a acompanharam nos actos fúnebres e de sufrágio, participando activamente neles.

*Funerária Mira*

**Maria de Jesus Codeceira – Felgueiras/Penso**

A família de Maria de Jesus Codeceira, vem por este meio agradecer publicamente a todas as pessoas que lhe apresentaram sentimentos por ocasião do falecimento da querida familiar e muito especialmente a todos quantos se incorporaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

*Funerária Mira*

**Maria do Céu Palhares – Granjão/Paderne**

A família de Maria do Céu Palhares vem agradecer sentidamente a todos quantos se solidarizaram com ela por ocasião do falecimento da saudosa familiar, acompanhando-a na dor e luto, apresentando sentimentos de condolência e participando ainda nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

*Funerária Mira*

**Isaura da Glória Nunes – Lar da 3ª Idade**

O Lar e a família de Isaura da Glória Nunes querem agradecer publicamente a todas as pessoas que os acompanharam na dor e luto ocasionados com a morte da saudosa familiar. Mais agradecidos ainda se sentem a todos quantos, para além das condolências, se incorporaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

*Funerária Mira Cont. na pág. 9*

**A PROPÓSITO DO «MELGAÇO HOJE»  
O Boletim camarário  
passa a mensal?**

Cont. da pág. 1

**Devia ser diferente.  
Democracia é diálogo vivo**

O Carricho acredita que os vereadores da oposição são sistematicamente impedidos de debater francamente os assuntos nas reuniões camarárias? Imagina que o nosso Presidente, num dos diálogos de suprema elevação democrática, tenha respondido ao vereador Alberto Esteves que «até fisicamente (o presidente) era maior do que ele»? (cito de ouvir a outros). Soube que tentou processar os dois vereadores por terem dito coisas mais que normais em regime democrático? Sabe que, desde que estão a exercer funções há um ano, nem um centavo lhes foi ainda pago daquilo a que têm direito pela presença nas sessões quinzenais? Sabe que receberam convocatória oficial para uma reunião camarária, a 26 de Dezembro último às 14 horas, e, lá chegados, tudo fechado? Não mereceriam eles um telefonema a avisar que a Câmara encerrava nesse dia? Ninguém pôde prever? Acha justo que, querendo eles saber ao certo quanto realmente deve a Câmara, essa informação lhes seja negada? Acha infundadas as observações feitas?

Com tudo isto quero exprimir quanta tristeza sinto por verificar que se critica o Governo de centralista, de ditador, etc. sendo que a oposição, na Assembleia, é paga e fiscaliza e critica abertamente; os jornais, rádios e televisões falam e dizem mais mal do que bem do Governo mas, a nível local o poder é muito pior e

quer silêncio! A oposição não é contemplada com o mínimo de apoio para desempenhar uma função essencialíssima em democracia. Quanto aos meios de comunicação, as coisas são simples: a Rádio Inês Negra é pura emanção da Câmara e não ultrapassa Melgaço, e os jornais existentes não são minimamente apoiados com informação oportuna e tempestiva que possam transmitir aos seus leitores. Há 281 trabalhadores da Câmara e nem uma hora lhes sobra a um deles para exercer funções de assessoria à Comunicação local!

Preocupa-nos o «hoje» de Melgaço e é natural que, face às enormes carências de oferta de emprego para as pessoas, nos revoltamos com os gastos perulários de meninos que não pensam no dia de amanhã e vão hipotecando tudo ao fogo fátuo de algumas palmas do momento.

as mesmas pudessem ser realidade. Se as receitas da Câmara mal dão para pagar aos funcionários, já se vê quem é que tem o mérito decisivo das obras realizadas.

As dívidas da Câmara à Caixa Geral de Depósitos vão agora para 490 mil contos. Com as outras, mais ocultas, devem ultrapassar os 700 mil contos, pelo menos. Será justo continuar a gastar 1.500 contos para uma orquestra ou a dar 1000 contos para festa de Natal dos 281 empregados da Câmara? As piscinas não virão a ser um elefante branco, isto é, um sorvedouro de dinheiro cujo funcionamento regular não poderá ser sustentado pelos frequentadores? Serão elas a prioridade das prioridades ou que houvesse água potável e canalizada em todas as casas dos melgacenses?

**Obrigaçãõ moral de ver mais longe**

Há mais e melhores acessos em todo o Concelho? Há, sim, felizmente. É uma prioridade em toda a parte. Melgaço soube aproveitar bem os fundos comunitários? Talvez, não da melhor forma e contemplando as verdadeiras prioridades. Temos um bom Quartel dos Bombeiros e da G.N.R. Temos uma boa Escola C+S, o Lar da Terceira Idade, vêm aí as piscinas, a casa da Cultura, a Escola de Educação Especial e, sobretudo, será uma realidade a estrada Monção-S. Gregório. A ponte do Peso está entravada por causa das tricas entre PS-governo, em Espanha, e Alcaide de Arbo e Junta da Galiza, que são do Partido Popular, coisa que aqui, felizmente, não acontece. Tudo isto são obras em que a despesa é feita quase toda pelo Estado, é bom que o diga.

O mérito das realizações principais deve-se ao Governo que possibilitou que

**Quando há medo de discutir... algo se temerá**

Seria óptimo que debatêssemos calmamente todos estes problemas e que, sem tirar mérito ao muito que foi sendo realizado com apoio destacado do Governo e que ninguém contesta, tivéssemos o discernimento de ouvir vozes discordantes e as que apontam outras prioridades, por que amam tanto ou mais a sua terra e lhe desejam o melhor!

Há uma coisa que me cheira muito, a esturro: na entrevista ao presidente Rui Solheiro, não há uma única referência àquele que é talvez o mais arrojado dos projectos de desenvolvimento de Melgaço: — a criação de uma Adega Cooperativa com tudo o que ela implica a vários níveis de acção. Porque é que Rui Solheiro não diz nada? Aparecem apenas estas palavras na tal introdução a

*Cont. na pág. 7*

**Funerária Mira**

**A primeira:**

- ✓ no tempo
- ✓ no serviço e agrado
- ✓ na qualidade e custo
- ✓ no saber estar e acompanhar

Auto fúnebre para funerais. Transladações em todo o país e estrangeiro

**Serviço Permanente**

Alvaredo e Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 416237-44014 • MELGAÇO

**Casa Paris** Fundada em 1966

de: Jaime Afonso

**Especializada em Louças, Cristais e Artesanato**

Serviços de jantar, café e chá • Serviços de copos cristal e vidro • Bronzes • Cobre • Quadros Óleo • Brinquedos • Louças Decorativas e Brindes

LARGO DA CALÇADA • TEL. 42264 • 4960 MELGAÇO

**Farmácia Dias Ferreira**

Direcção Técnica e Propriedade:  
**D.ª Júlia Eduarda Dias Ferreira**

EM SERVIÇO PERMANENTE E AO SERVIÇO DA SAÚDE E BEM-ESTAR DOS MELGACENSES

Estrada Nacional • Telefone 43312 • MELGAÇO

**MELBRILHA**

A MELBRILHA convida-o a efectuar um contrato anual de manutenção e limpeza da sua casa e jardim

Disfrute da Natureza e deixe que nós tratemos da limpeza do seu lar, porque nós defendemos o ambiente

**MELBRILHA**  
4960 MELGAÇO  
Tel. 43111

**LIMPEZA EM:**

- ✓ Serviços Públicos e Comerciais
- ✓ Andares em prédios acabados de construir
- ✓ Tratamentos de Pisos – Mármore, Tijoleiras e Madeiras
- ✓ Residências Particulares

SEDE PROVISÓRIA: Rua Velha s/ nº – 1º Dto. • Tel. 43111 • 4960 MELGAÇO



# A PROPÓSITO DO «MELGAÇO HOJE» O Boletim camarário passa a mensal?

Cont. da pág. 6

«Plano de Actividades e Orçamento para 1995: «Assim continuaremos a apoiar o avanço da Adegas cooperativa, entidade que consideramos indispensável, para complementar as privadas, no apoio aos viticultores da região». Como é que afirma isto, se nada fez no último ano e, oxalá, não tenha torpedeado o avanço da Adegas Cooperativa!

Diz-se ainda no mesmo documento que a Câmara procura conciliar os grandes investimentos com a satisfação das necessidades das diversas freguesias do concelho, «com respeito absoluto pelos princípios de justiça e igualdade de tratamento». Antes da piscina, para alguns, não era mais importante que houvesse água canalizada em todas as casas para que, ao menos, todos possam tomar banho? Não será prioritário avançar com o máximo de redes de esgotos nas aldeias? Haverá justiça e igualdade, quando se privilegiam os trabalhadores da Câmara com várias benesses que os outros melgacenses não têm? Não poderia haver casas de habitação social a preços muito acessíveis, como em

Esposende?

Será justiça fornecer informação privilegiada a um meio de comunicação que é emanação directa da Câmara, seu órgão de propaganda no pior estilo do antigo regime, e fazê-lo, à custa do erário público, com as subvenções vindas para uma Associação que é, sobretudo altifalante da Câmara?

Cada um pode pensar que os outros são facilmente manipuláveis e se podem enganar com bastante naturalidade. Mas a seriedade e isenção moral e ética impõem renúncias e sacrifícios para que, numa luta muito desigual, se forneçam às pessoas elementos de ponderação que permitam uma tomada de posição mais esclarecida. É essa a mais nobre missão da *Imprensa com I*, aquela que continua a dizer e proclamar, antes das piscinas e outras realizações de «riscos», é preciso garantir a cana a todos para pescar e a água em casa para cada um se lavar; um Deus em quem acreditar e a quem louvar, os irmãos a amar, momento os que precisamos de casa.

Para que não haja equívocos! Mas sim, realmente, mais justiça e igualdade.

Carlos Nuno

# Cartas ao Director

Exmo. Sr. Director  
Júlio Hilarião Vaz



Boulogne,  
10-12-1994

Caro Amigo,

Mais uma vez e como sempre nesta quadra de Natal, tenho o grande prazer de dirigir a todos os redactores, colaboradores e leitores deste nosso querido jornal de «A Voz de Melgaço» os meus maiores votos de saúde, felicidade e Alegria... Que Deus nos faça unir e dar Paz ao Mundo que continua com tantas desgraças, mortes, atentados políticos e pessoais, guerras por todo o lado... Onde vamos nós, filhos de Maria?

Como é que os governos conseguem fazer máquinas e tantas coisas para ir à Lua e não conseguem acabar com as guerras, a fome e tantas desgraças deste mundo?

Que culpa tem o povo e as criancinhas que certos homens queiram tudo para eles arrastando tudo que se lhes ponha por diante?

Como é que os nossos Ministros e Presidentes da Europa não conseguem conter a Guerra na Europa? Ou terão eles interesses em que as guerras continuem para porem medo aos povos que têm fome e não têm trabalho?

Continuo a dizer que Deus não quer a Guerra nem a fome — Deus quer a Paz na terra.

Quero lembrar, neste nosso jornal, que os nossos agentes da G.N.R. quando são chamados para tomarem conta de certos acidentes das nossas estradas, devem ser pela verdade

e pelo Direito do código português e Europeu e serem respeitadores de todos os condutores sejam eles portugueses, estrangeiros ou emigrantes... Porque assisti, pessoalmente a uma intervenção da dita G.N.R. para averiguar um caso de um acidente de um carro de matrícula francesa onde um camião de matrícula portuguesa, tendo cortado uma curva, chocou com o carro francês e disse que era normal porque no mês de Agosto não se podia andar nas estradas por causa dos emigrantes — E o condutor português, como tinha pressa, não quis participar o acidente para os seguros e foi-se embora... Graças a que havia testemunhas — Qual é a lei portuguesa, neste caso? Ora as testemunhas chamaram a G.N.R. que indo uma hora depois, começou a tomar conta dos dados...

Um dos agentes da G.N.R. disse ao condutor emigrante que sendo que ele não tinha culpa nenhuma podia vir para França descansado que eles, G.N.R., a partir da semana seguinte dariam todos os dados ao seguro para lhe arranjar o automóvel sem ter que pagar nada.

Ora, o que se passou? O acidente foi na sexta-feira do dia 26 de Agosto, na estrada de Melgaço a Monção e nos fins deste mês de Novembro passado, seja 3 meses depois, os agentes da G.N.R. ainda não entregaram dados nenhuns. Porquê?

O condutor do carro francês teve que avançar 40 contos e o seguro diz-lhe que só lhos paga quando os agentes da G.N.R. entregarem os dados e motivos do acidente. Qual é a lei portuguesa, nesses termos? Espero, que esses agentes pensem que Deus é igual para todos e que só a verdade deve triunfar em Portugal e no mundo.

Tendo a minha assinatura paga com 2 anos de avanço, aqui junto um cheque de 5 mil escudos para pagar mais 2 anos, da assinatura de meus sogros: Amélia da Glória Rei Pires — Granja, Pêso, Melgaço; o restante é para a ajuda do nosso querido jornal de «A Voz de Melgaço».

Enviando as BOAS-FESTAS para «A Voz de Melgaço» assim como para todos os portugueses espalhados pelo mundo, termino com um abraço para o amigo Júlio Vaz.

Atentamente, António Dias  
59, Route de la Reme  
92100 Boulogne — France

Exmo. Senhor  
Director do Jornal a Voz de Melgaço

Num pseudo jornal, com as iniciais J.M. vinha escrito um artigo onde só havia mentiras escritas pelos vereadores do PSD de Melgaço e eu como empregado camarário e melgacense venho por este meio repudiar essas afirmações:

1 — Dizem que os camarários não pagam a água, tal não é verdade pois são mais aqueles que a pagam do que os que estão isentos.

2 — Os transportes escolares também todas as crianças em idade escolar estão abrangidas e, nós trabalhadores camarários devido ao nosso baixo salário estamos isentos do seu pagamento.

3 — Dizem também que são contra a Festa de Natal promovida pela Câmara como é possível afirmar tal. Tantas empresas por esse País fora promovem tais festas, com distribuição de prendas aos seus funcionários, veja-se o caso das instituições bancárias.

Os senhores em vez de criticar deviam era lutar para que todas as Empresas e Organismos organizassem tais festas de Natal, onde ao menos uma vez por ano pudessem estar todos juntos sem diferenças e sem inimizades.

Manuel Oliveira Machado

## NOTA DA REDACÇÃO

Apesar da linguagem desrespeitosa e atrevida da carta, publicamo-la, porque o nosso jornal não se fecha nem aos que eventualmente nos insultam. Achamos curiosos as três alíneas;

— A primeira reconhece que há «camarários» que não pagam a água, água que é paga por todos os municípios;

— A segunda reconhece que as crianças, filhas dos trabalhadores camarários, não pagam os transportes «devido ao baixo salário». Qual o lavrador de Melgaço que tem rendimento, igual ao mais «baixo salário» dos camarários? E todos os «camarários» tem salários baixos?

— Também acha o autor da carta que o militar de contos que a Câmara deu às famílias dos camarários, está bem, porque «tantas empresas por esse país fora promovem tais festas». Só que o autor da carta expressa o que não quer: considera

a Câmara uma empresa de produção, transformada em consumo. As Empresas promovem as festas, para os seus empregados, com os rendimentos comerciais da sua produção e não com o dinheiro dos outros. E a Câmara não tem essa natureza. A tê-la, deveria privilegiar os pobres do Concelho e não quem já tem, com o nosso dinheiro, possibilidade de dar prendas aos seus filhos.

O senhor Machado, que também é nosso assinante, vê, assim, como pode expressar livremente a sua opinião.

«A Voz de Melgaço»



## NÃO FAÇA MAIS CONTAS Á VIDA!



# CONTA INVESTIMENTO

### RAIZ TESOURARIA • RAIZ RENDIMENTO

A Conta Investimento faz as contas por si. Aplique as suas poupanças nos Fundos Raiz Tesouraria e Raiz Rendimento e colha os seus frutos na melhor altura. Consulte já a sua Caixa de Crédito Agrícola... Porque as boas contas fazem os bons amigos!



## “O Adérito”

António Adérito da Costa

SERVIÇOS DE CASAMENTOS • BAPTIZADOS  
COMUNHÕES E BANQUETES

Telefone 43953 • Santo Cristo • 4960 MELGAÇO

## Adegas Regional «Sabino»

DE: Manuel Augusto de Castro

ALMOÇOS • JANTARES • CHURRASCOS  
SARDINHA ASSADA  
BACALHAU NA BRASA E PETISCOS

Largo Herm. Solheiro • Telef. 44576 • 4960 MELGAÇO



# MARMOVIANA

Sociedade de Mármore de Viana, Lda.

Na arte funerária e decorativa — Granitos nacionais e estrangeiros

Av. do Mar, 1296 • Tel. 058-835895 • Areosa — Viana do Castelo



## Pedindo a atenção e colaboração dos nossos assinantes!

Neste início de ano, queremos pedir, antes de mais, que os **nossos amigos procurem pôr a sua assinatura em dia relativamente a 1995**. Já sabem que o custo anual é de 2.250\$00.

Há ainda umas centenas que estão atrasados em relação a 1994. Pedimos-lhes mais atenção ainda, pois, temos necessidade da colaboração oportuna de todos a fim de podermos corresponder às nossas obrigações para com quem compõe, imprime, dobra e expede o jornal. Quanto mais tempo passar e mais anos se acumularem, mais custa a cada um pôr em dia a assinatura e mais dificuldades nos criam para podermos cumprir bem os nossos compromissos.

Aos que estão mais atrasados no pagamento da assinatura a quem nós enviámos carta em Dezembro, esperamos que ponham tudo em ordem até ao fim deste mês. Pelo menos que tenham a delicadeza de nos dizer alguma coisa.

Queríamos destacar a atitude de um assinante que vive no Sul do País e que assim nos escreveu: «A resposta que lhes posso dar é que, presentemente, não tenho condições económicas para regularizar o meu débito.

Peço, pois, para cancelarem o envio do jornal.

Sou reformado, mais a minha mulher, com reformas de miséria e o que sobra da alimentação nem sempre chega para pagar os remédios que

ambos precisamos.

Tão pronto possa, nem que seja a prestações, regularizarei a minha dívida.

Boas Festas.

Muito atentamente»

Já respondemos a este assinante a dizer que lhe continuaríamos a enviar o jornal, pois há leitores amigos que dão algo mais precisamente para que possamos atender a estes casos.

Mas a atitude deste amigo é de uma nobreza excepcional. E o que pedimos a todos a quem escrevem é que, ao menos, nos digam algo.

Desculpem que insistamos, mas ao menos tenham a delicadeza de nos informar se pretendem continuar a receber o jornal ou se querem desistir. Embora haja obrigação de corresponder aos débitos que tivemos de fazer para continuar a mandar o jornal durante este tempo todo, ao menos que as pessoas tenham a nobreza de nos dizer algo para não estarmos a cortar o jornal a quem, afinal quer continuar a receber o jornal.

Ano Novo, vida nova! Que aconteça também nas relações de cada um com o jornal de que gostam, certamente e que querem ajudar a prosseguir na sua caminhada.

A todos que tiveram a gentileza de pagar a assinatura e ainda nos mandaram Boas Festas, o nosso sincero muito obrigado.

Carlos Nuno

# Pela Nossa Terra

## Paraquedistas

Tal como já acontecera no ano passado, nas festas da Cultura (do Concelho) deste ano, voltou a haver largada de paraquedistas civis, que aterraram com grande precisão no Campo da Feira, seguindo-se um intervalo para quem quisesse (pagando) fazer batismo de voo, o que foi bastante concorrido dado o interesse manifestado por alguma gente, da nossa terra. Causou certa surpresa para muita gente que se perguntava porquê? Um helicóptero espanhol executava aqueles vãos. Sobre isso não dizia nada o programa das festas nem da nacionalidade dos paraquedistas.

## Melgaço em música

A escola de música LA MI RÉ dos concelhos de Monção e Arcos de Valdevez, que este ano tomou parte nas festas da Cultura (do Concelho) e com grande brilho musical, teve a gentileza de tocar e cantar pela primeira vez e na nossa terra, uma música com compasso de marcha e se intitulava «Melgaço», com música de António Branco Pedreira e letra de Libório Rodrigues Branco. Espera-se que agora até como agradecimento, a escola de música dos nossos

Bombeiros queira integrar essa marcha no seu repertório e também para prazer de quem queira e possa ouvir.

## Radiotelevisão

A R.T.P. inaugurou em Viana do Castelo uma Delegação (representação dos seus serviços) com o fim de poder estar mais perto de todos os acontecimentos que possam ocorrer no nosso Distrito. No que respeita à nossa terra, espera-se que a R.T.P. a partir de agora, se procure informar bem por caminhos, e são vários, que a não levem sempre aos mesmos lugares — Castro Laboreiro e S. Gregório — como tem acontecido.

Aproveitando esta ocasião, pede-se à R.T.P. para estudar a instalação de um pequeno repetidor nas proximidades de Cristóval, porque em Melgaço, junto às fronteiras Norte e Nascente não se vê ou vê-se muito mal televisão. Por motivo idêntico do lado espanhol, também em frente de Cristóval, foi instalado um repetidor, mas espanhol, claro!

## Mau gosto em S. Gregório

S. Gregório, sendo embora um lugar da freguesia de Cristóval, foi das terras que mais cresceram no Concelho de

Melgaço talvez, até 1940, década em que deve ter parado. Desse tempo herdou algumas casas senhoris sinal de prosperidade que por lá andou.

Sempre foi um lugar airoso cuja rua principal, a mais larga, onde se encontra a capela de Sta. Bárbara, desembocava num pequeno largo em forma de triângulo, na estrada que liga a fronteira a Melgaço. No centro desse triângulo estava ultimamente um candeeiro bastante alto para melhor espalhar a sua luz durante a noite. Em volta desse candeeiro, circulavam os carros e as camionetas que queriam inverter as suas marchas. Esse largo servia também em dia da festa de Sta. Bárbara, para colocação do coreto da música com a indispensável assistência. Passaram os anos, e o «largo da Sta. Bárbara» como muita gente lhe chamava, morreu, porque o mata-ram! Não sei quem, mas só poderia ter sido a Câmara ou a junta da freguesia de Cristóval, que resolveram tirar o candeeiro e acrescentaram para dentro do largo o passeio do lado nascente ficando o passeio acrescentado, suportado por um murete com umas escadilhas mas o largo acabou. Na nossa terra a nível de freguesia e lugares, os largos contam-se pelos dedos das mãos e agora tem menos um. Já ouvi pessoas a dizerem bem e a dizerem mal mas, para mim, foi uma obra de mau gosto e gostos não se discutem.

Carlos Afonso

# S. Gregório — Aldeia bem portuguesa e minhota

## 1ª PARTE

S. Gregório, e todo o seu meio envolvente, a mais setentrional terra portuguesa, adormecida pelo rio Minho, que, em frente, passa majestático e vigilante, cioso da sua beleza e da sua importância, é banhada pelo rio Trancoso, que lá, das cercanias de Castro Laboreiro, desce, ora cabriolante e pressuroso, ora entorpecente e remansoso, afogando-se aqui e além em físgas, côtos e pedregulhos ou em densas ramagens, onde coloridas libelinhas esvoaçam languidamente.

Esta terra é um formoso rincão de Portugal e uma das suas mais pitorescas aldeias.

O seu solo úber e fecundo, coberto de densa verdura, pintalgado de casarões, que sonhos passados e presentes semearam, trepa em degraus, intercalados de patamares, até ao monte do Facho, onde os seus habitantes erguem hinos de louvor ao Criador, na invocação de Nossa Senhora de Fátima, que a Fé e o Desespero de uma Piedosa família, unida e exemplar, constituída por pais, avós e tios, na eminência da dilacerante e irremediável perda da sua única descendente, ali implantou, ungiada por essa implacável dor, um nicho e uma capelinha votiva enquadra na pequenez da elevação e na simplicidade da Fé e que, mais tarde, o progresso e as necessidades impostas pela expansão da Fé descharacterizaram.

Esse solo, suavemente enrugado, apresenta, por vezes, «cotovelos e côtos» que são miradouros deslumbrantes:

— Como o côto do Ramo — Assoalheira donde se contempla a freguesia galega de Padrenda, verdadeiro terraço de verdura, protegida por vasto morro granítico;

— Como o Monte do Facho donde se devisa todo o vale do Trancoso, meio português, meio espanhol, com toponímicos repetidos nos dois lados a testemunhar a irmandade dos dois povos e onde a vista se estende e extasia;

— Como o do lugar do Coto a dominar Puente Barjas, Conciouro e a estrada de Orense;



Melgaço - Entrada em S. Gregório

— Como o do campo de Futebol de vistas edênicas e abrangentes em 1º plano, da velha e nova urbe de S. Gregório, emoldurada pela verdura dos seus campos e hortas e pelo alaranjado dos seus telhados, em 2º plano, da famosa Notária e da Velha Destriz, e, em 3º plano, do vale longo de pinheirais da Galiza;

— Como o das Portas de Paradela, a visionar o rio Minho com a barragem e albufeira da Freira e as suas pesqueiras que foram de boa lampreia e salmão e ainda a sua companheira via férrea, de tráfego intenso, encaixadas num cenário de água e de matizada verdura, de ruralidade e de progresso, em perfeita promiscuidade;

— Como tantos outros que são mirantes admiráveis e extasiar a vista. Apreciando agora apenas a povoação em si, ela é metaforicamente uma espécie de presépio encrustado em encostas acidentadas, com um núcleo central e com várias ramificações em diversos sentidos.

O núcleo central é o velho burgo accedido de uma parte mais moderna e mais ampla, tem uma ruela estreita, à boa moda medieval, de casas gráficas, algumas de varandas rústicas, à antiga portuguesa, mas que o camartelo do tempo tenta destruir, de mistura com outras de pretensão senhorial ou de tipo chalé abraileirado, numa har-

monia que agrada e se aprecia. Integrado neste núcleo surge o complexo alfandegário, hoje desactivado pela adesão à C.E.E. de boa arquitectura e bem adequado ao meio, e ainda o cruzeiro de Sta. Bárbara, catalogado (parece-me) de Monumento nacional e a sua velha capela, bem tratada e por onde passaram gerações de portugueses e espanhóis, a que o amor e apego à Fé tem imposto alterações no decurso dos tempos.

Das suas ramificações, convém destacar a Rua Verde, longa e velha rua, que noutros tempos era, ali, a única via de acesso à Galiza através de uma encantadora ponte de madeira sobre o Trancoso e que a convulsão da guerra civil espanhola destruiu. Muitas outras ramificações se poderiam referir, como a zona do campo de futebol, o Pedregal, a Garagem, as portas de Paradela, etc., em pontos belos e de vistas encantadoras.

São, no entanto, dignos de registro recantos típicos como o dos Quinteiros, o do Coto, o da Patronilha, etc.

Esta aldeia, uma das Princesas da mais bela província de Portugal, precisa de ser preservada e é pena que esteja tão esquecida e que se permitam agressões e adulterações ao seu património cultural e que na primeira oportunidade abordarei.

22-12-94 — A.B.B.A.

## VIII Centenário de Santo António de Lisboa

Nascido em 1195 na cidade de Lisboa, festeja-se, portanto, neste ano o VIII Centenário do nascimento de S. António.

O Patriarcado de Lisboa, a Ordem Franciscana e a Câmara Municipal daquela cidade vão celebrar o acontecimento em grande.

As celebrações do centenário terão início em 15 de Fevereiro de 1995, memória da transladação do seu corpo; o momento culminante será a 13 de Junho, dia da sua festa litúrgica e a conclusão das comemorações a 8 de Dezembro, solenidade da Imaculada Conceição, praticamente sentida pelos franciscanos.

O Santo Padre, João Paulo II, em mensagem dirigida à Ordem Franciscana, escreve a respeito de S. António: «Construiu a sua vida sobre Cristo — escreve o Papa. As virtudes evangélicas, em particular a pobreza de espírito, a mansidão, a humildade, a castidade, a misericórdia, a coragem da paz, eram os temas constantes da sua pregação». «Homem evangélico, Santo António — afirma o Papa — ensinou de modo eminente a fazer de Cristo e do Evangelho um ponto de referência constante na vida quotidiana e nas opções morais privadas e públicas, sugerindo a todos de alimentar nessa fonte a coragem para um anúncio coerente e atraente da mensagem da salvação».

«Ele soube falar com a mesma linguagem dos seus ouvintes, conseguindo transmitir com eficácia os conteúdos da fé e fazer aceitar os valores do Evangelho na cultura popular do seu tempo» — sublinha ainda João Paulo II — observando que a sua pre-



gação, os seus escritos e sobretudo a sua santidade de vida oferecerem também aos homens do nosso tempo indicações muito vivas e estimulantes acerca do empenho necessário para a Nova Evangelização.

Hoje como então, urge uma renovada catequese, fundada sobre a Palavra de Deus, especialmente sobre os Evangelhos, para fazer compreender novamente ao mundo cristão o valor da revelação e da fé».



# Ritualismo dos funerais em Parada do Mundo nos tempos passados

(Continuação)

Como o prometido é devido, aqui estou novamente para dar mais um empurrão ao assunto acima mencionado. Naturalmente que se lamenta a morte dos entes queridos que partem ao encontro do Pai do Céu, embora para o cristão a morte não seja um aniquilamento, nem uma destruição.

É simplesmente uma passagem desta vida para a eternidade, que, segundo a nossa fé, é — para a glória aguardando o novo encontro com os que ainda ficam neste vale de lágrimas para purificação das suas almas.

Na verdade a morte é sempre morte e separação, por muito ou pouco tempo não sabemos. Por isso é que quase toda a gente sente a morte dos seus entes queridos, deixando deslizar dos próprios olhos lágrimas amargas. Nem admira até que deixem transpirar alguns ais, mais ou menos sonoros, como desabafo da dor profunda que lhes vai no coração.

O próprio Jesus Cristo chorou a morte do seu amigo Lázaro.

O que não é muito de admirar é que se soltem gritos estrondosos, quase de desespero. Porém nada é recomendável que se lancem para o ar ais fingindo dor quando ela não existe. Assim faziam as carpideiras que choravam por paga. (Chora-o bem choradinho que te hei-de dar a medida bem acolhada, como dizia o povo.

Em Parada do Monte nunca houve carpideiras profissionais, mas a família chorava, deixando transparecer a sua dor através de palavras e gestos, nem sempre apropriados ao acto que se realizava.

Para exprimir a dor havia um certo ritualismo, que, felizmente, se pode dizer que desapareceu quase por completo. Pode acontecer ainda, num caso ou noutro, mas é raro, e não é nas pessoas que sentem mais dor.

O ritualismo a que me refiro estava no horário certo de chorar: Chorava-se após o trágico acontecimento da morte, servindo também de alarme aos vizinhos que imediatamente acorriam a consolar os doridos, a preparar o cadáver para a viagem final e para se colocarem ao dispor dos familiares para tudo o que fizesse falta, quer seja na casa, quer seja na abertura da sepultura, quer seja na cozinha, ou noutra coisa qualquer. Chorava-se pela manhã, ao levantar da cama, visto que os doridos não ficavam a velar o cadáver depois de meia noite, porque os vizinhos não permitiam.

Chorava-se ao levantar o cadáver para formar o cortejo fúnebre para a igreja. Alguns ainda voltavam a chorar quando os sinos dessem sinal de sepultar.

Depois de sepultado, embora a dor permanecesse, como é natural, e dos olhos brotassem lágrimas, não se fazia mais alarme.

Aproveito a ocasião para dizer que havia choro em alta voz, principalmente das mulheres, no dia de Fiéis

Defuntos, dia dois de Novembro, quando entrava a procissão de finados no cemitério e perdurava durante o percurso da mesma procissão à volta das sepulturas. Devo dizer que esta parte não tinha nenhuma razão de ser. Enquanto isto se dava no cemitério um grupo de rapazes, já fora da adolescência, subia as escadas da torre para bombear o sino e assim experimentar as forças. Porque todos o queriam fazer, sentia-se uma algazarra infernal em competição com os gritos vindos do cemitério. Tudo acabava com o regresso da procissão à Igreja, o que não deixava saudades. Cada um que se sente ferido ao recordar os seus antepassados, sofre a sua dor em silêncio e recolhimento.

Pode alguém perguntar: Como acabou esse costume?

Primeiro deve dizer que o convívio social e vendo como faziam noutras terras levou à imitação.

Segundo lugar as exortações dos párocos levaram à convicção de que é preferível passar esses momentos em silêncio e oração.

Hoje, graças a Deus, há grande participação nos funerais e em todos os actos litúrgicos adequados a esse fim, e vai a procissão ao cemitério quatro vezes no ano, ficando o cemitério cheio de pessoas, homens e mulheres a rezar, mas tudo em grande silêncio, sem se ouvir sequer o toque do sino. C.

## AGRADECIMENTOS

Cont. da pag. 6

**José António Lourenço – Melgaço**

A família de José António Lourenço quer agradecer publicamente a todas as pessoas que a acompanharam na dor e luto ocasionados com a morte do saudoso familiar. Mais agradecidos ainda se sentem a todos quantos, para além das condolências, se incorporaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

*Funerária Mira*

**Elvira Fernandes Ribeiro de Figueiredo e Castro – Paderne**

A família de Elvira Fernandes Ribeiro de Figueiredo e Castro, vem agradecer publicamente a todas as pessoas que a acompanharam na dor e luto por ocasião da morte da saudosa familiar e muito especialmente a todos quantos se incorporaram ainda nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

*Funerária Mira*

**Maria Pires – Casais/Paços**

A família de Maria Pires, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhe apresentaram sentimentos de condolência por ocasião do falecimento da saudosa extinta, e ainda de maneira muito especial a todos quantos participaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

*Funerária Mira*

**Manuel Domingues Lourenço – Penso**

A família de Manuel Domingues Lourenço, vem por este meio agradecer muito reconhecida a todas as pessoas que a acompanharam na sua dor, apresentando-lhe sentimentos, estando presentes durante o depósito e sobretudo participando nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

*Funerária Mira*

**Belmira de Barros – S. Paio**

A família de Belmira de Barros, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

*Funerária Mira*

**Josefina Pureza Gonçalves – S. Paio**

A família de Josefina Pureza Gonçalves, na impossibilidade de poder agradecer particularmente a todas as pessoas que acompanharam a saudosa extinta à última morada, vem fazê-lo por este único meio, testemunhando a todos o seu indelével reconhecimento.

*Funerária Mira*

**Florinda Pires – Várzea/Paderne**

A família de Florinda Pires, vem por este meio manifestar publicamente o seu agradecimento reconhecido a todos quantos lhe apresentaram sentimentos de condolência por ocasião do falecimento da saudosa extinta e bem assim a todos quantos se incorporaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

*Funerária Mira*

**Silvestre José Fernandes – Peso/Paderne**

A família de Silvestre José Fernandes, vem por este meio agradecer muito reconhecida a todas as pessoas que a acompanharam na sua dor, apresentando-lhe sentimentos, estando presentes durante o depósito e sobretudo participando nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

*Funerária Mira*

**Amadeu Ribeiro – Prado**

A família de Amadeu Ribeiro, vem por este único meio agradecer publicamente a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor ocasionados pela morte do seu ente querido, bem como a todos quantos lhe apresentaram os sentimentos e sobretudo aos que participaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

*Funerária Mira*

**José Bento Rodrigues – Cividade/Paderne**

A família de José Bento Rodrigues, quer agradecer publicamente a todas as pessoas que a acompanharam na dor e luto ocasionados com a morte do saudoso familiar. Mais agradecida ainda se sente a todos quantos, para além das condolências, se incorporaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

*Funerária Mira*

**Aurora Domingues Gama – Alvaredo**

A família de Aurora Domingues Gama, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

*Funerária Mira*

**José Rodrigues Soutinho – S. Gregório**

A família de José Rodrigues Soutinho, vem por este único meio agradecer publicamente a todas as pessoas que a acompanharam nos momentos de dor ocasionados pela morte do seu ente querido, bem como a todos quantos lhe apresentaram os sentimentos e sobretudo aos que participaram nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

*Funerária Mira*

## Problemas da Lavoura nacional

A fim de ajudar os lavradores, os Ministérios das Finanças, da Agricultura e da Indústria e Energia decidiram dar uma ajuda financeira ao consumo de energia.

\*\*\*

Para conservar a manutenção dos sistemas agrícolas tradicionais de policultura, foram criadas medidas de acompanhamento da reforma da P.A.C.

Estas medidas também se aplicam na Zona Agrária do Vale do Minho, que é constituída pelos concelhos de Melgaço, Monção e Paredes de Coura. Os lavradores tem de se inscrever a fim de beneficiarem dessas medidas.

A Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho presta todas as informações necessárias.

## «Capelães de Sua Santidade»

Foram nomeados «Capelães de Sua Santidade» com o título de Monsenhor, os sacerdotes da nossa Diocese: P. António Fernandes Gonçalves, P.\* Dr. Joaquim António da Costa Vilar, P.\*

José Ribeiro, P.\* Manuel José da Costa Azevedo Vilar e P.\* Sérgio Augusto Gonçalves Pereira.

«A Voz de Melgaço» saúda e felicita os novos Monsenhores.

## Iniciativas da Casa de Ponte de Lima em Lisboa

Esta casa regional minhora promove no dia 21 deste mês de Janeiro uma Conferência sobre «A Flora do Alto Minho – Suas Aplicações na Medicina e na Gastronomia Locais. É conferente, o Dr. João Gonçalves da Costa e a conferência realiza-

se na Sede Social da Casa do Concelho de Ponte de Lima

\*\*\*

No dia 5 de Março, o Rancho Folclórico da Correlhã, por iniciativa da Casa de Ponte de Lima, exhibe-se na «Festa de Portugal».

## Boas Festas

Enviou-nos de S. Paulo, Brasil, o ilustre conterrâneo e escritor Miguel Barros Ferreira.

Ao querido amigo, ainda doente, os nossos agradecimentos, com votos de melhoras e de muita felicidade.

De França enviou-nos cumprimentos de Boas Festas o nosso conterrâneo e prezado amigo Manuel Esteves.

O nosso muito obrigado. Também de França nos enviou cumprimentos de Boas Festas, o bom amigo António Dias. Gratos pela gentileza.

A Agência local da Caixa Geral de Depósitos enviou-nos, também, as Boas Festas. Muito obrigado.

Enviaram-nos, ainda, cumprimentos de Boas Festas: Governador Civil de Viana do Castelo, a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia, a Associação de Comandos (a Delegação de Viana do Castelo); a Casa do Minho, em Lisboa; o Instituto da Juventude, de Viana do Castelo; a Direcção Regional do Ministério da Agricultura de Entre-Douro e Minho; a Casa de Melgaço, em Braga.

Os nossos agradecimentos.



# Natal da planície

A meus filhos Paulo e Susana

Era uma vez um farrapinho de neve; muito branquinho, muito pequenino, muito luzido, burilado pelo esplendor nostálgico das finas tapeçarias que o ouro das cumeadas rendilha numa filigrana de esmeraldas e marfim.

Tinha a configuração de um suspiro de menino e o fino trato da mais refinada idolatria.

Perdera-se de sua mãe na infinita planície alentejana e vagueava sozinho por entre terras ressequidas que vomitavam línguas de poeira e fome. Nessas plagas longínquas apunhalava-o a saudade das brancas serranias e chorava inconsolável a sua prematura orfanidade. Olhava o céu, sempre muito seco, muito azul e muito hostil, onde um sol inclemente ardia em labaredas de mandíbulas queimantes e corria arredondado a esconder-se à sombra perene de um chaparro esquecido pelo tempo. Aquele sol, não podia ser o seu sol! Não era o seu querido sol, certamente que não! Aquele solzinho jocosso, quentinho, que o afagava e que com ele brincava na turbulência esfumada de castelos de nuvens cumulados de malignos trovões, partira para outro lugar, abandonando-o também.

Sua mãe, a nuvem Águia, amava-o até à exaustão; por ele ser o mais franzino, o mais traquina, o mais meigo e carinhoso farrapinho de neve que brincava nas cristas fantásticas das agrestes cordilheiras.

Um temporal negro, frio, maldito, que o mar expulsou em redemoinhos ciclónicos, esventrou a velha Águia e o pequeno farrapinho, desprotegido, foi debicado por um pássaro monstruoso que o expeliu, com um espírito fatal e arremessou sobre a incomensurável seara ressequida. O farrapinho de neve ficou espetado na ponta ardente de uma espiga estéril que o estio fossilizara como último bastião da miséria.

Os dias passaram e talvez tivessem passado muitos anos até que um grilo velhote, alquebrado, cheio de reumatismos e artrite, se encostou ao velho colmo e, ao ouvir as lamentações *in extremis* do moribundo farrapinho, alçou o toco da perna direita, sacudiu-o e o desventurado farrapinho desprende-se de tão tormentoso suplício:

— Obrigada, amigo grilo, salvaste-me a vida, não sei como te hei de agradecer!...

— Não precisas de me agradecer, não fiz mais do que a minha obrigação, tu já me salvaste a vida durante muitos anos, quando inundavas estes campos de humidade e crescia erva tenrinha para eu me alimentar. Agora, morro de fome. Não tens solução para mim. Não te posso comer... Se fosses erva!... Não fiques admirado. Com os humanos passa-se o mesmo; são muito amigos uns dos outros, protegem-se muito uns aos outros, mas quando um deles tem fome, trata é de sacrificar o melhor amigo para a seguir o comer. A mim ainda não me comeram por sorte. Um dia, quando eu cantava nas bottalheiras, nas longas noites de inverno, cá num pote de caldo. Meio afogado, agarrado a um troncho de couve lombarda que flutuava pastoso na tona do secular nutriente, quase a expedir o último suspiro, uma velha ia-me confundindo com um feijão catarino; não me comeu por um tris! «Avozinha, olhe que isso é um grilo, não é um feijão!»... Abençoado neto, salvou-me a pele. Hoje penso que teria morrido mais dignamente se a velha me tivesse comido. Vês este toco? — exibindo a perna decepada pelo joelho explica: — foi o grilo Januário que me comeu e sabes o que é que eu fiz? Comi-o no dia seguinte.

— Se eu pudesse fazer alguma coisa por ti?... — Insistiu o farrapinho de neve tentando agradar ao grilo ou, pelo menos, desmotivar-lhe o apetite; não fosse a fome

degenerar em sede!

— Transforma-te em serradela e verás! Transforma-te em serradela e verás!

O grilo seguiu o seu caminho, latejando de desgraça e de fome. A noite caiu, as cigarras abriram as vidraças das luras e esticaram as asas numa dúzia de acordes com o frenesi de uma grande orquestra sinfónica.

O negrume da escuridão que o mortíco luar pincelava com laivos de assombração, depressa se aquietou e se transformou numa apetecida ribalta onde os mais variados géneros da dramaturgia e do *dulce canto* se exibiam rutilantes de grandiosidade.

Os sobreiros e as azinheiras casquinava com ressequidas, uma verborreia sombria, ininteligível e as profundezas fogaídas da solidão que a planície alberga no mais satânico íntimo da sua rude concepção, vaporavam uma quietude preocupante que o aroma a funcho e a rosmaninho adocicavam.

De repente ouviu-se um barulho, assim amodos de pinga de água que se estrela num seixo, e uma vozinha emergiu da solidão seca das ervas estaladiças. O farrapinho de neve ficou gelado:

— Farrapinho, farrapinho de neve?... — Quem seria? A espiga de trigo estava morta, não falava! Quem seria que chamava tão desesperadamente?!

— Farrapinho, farrapinho de neve, sou eu, a gotinha de água. Já cá estou há alguns estios e esperava-te ansiosa. Via-te percorrer os Céus e pedi a Deus que te trouxesse para junto de mim, por tanto te amar e a vida sem ti me parecer tão irrisória, tão vazia!

— Que sorte, uma gotinha de água neste inferno de secura! Mas... Quem és tu afinal?... Não me lembro de ti.

— Nascermos os dois num imenso lago azul, muito longe, no ventre das serranias eternas, há muitos séculos; tu partiste no alvorecer de uma fria manhã de inverno e eu fiquei tão triste, que, um dia, também parti na esperança de te reencontrar. Sofri muito: fui muitas vezes lágrima de menino moribundo, de homem escravizado, de mãe violada... Também fui rio e mar e chuva e senti a felicidade ímpar de matar a sede dos lábios rasgados dos supliciados do deserto.

Vem para mais perto de mim, para que eu sinta pular o teu coraçãozinho e possa beber o melço escorrido de teus olhinhos tão grandes.

O farrapinho de neve, com a ajuda de uma brisazinha que se arrastava sonolenta por aquele tapete de mil fragâncias, saltitou na pontinha dos pés, deu um corcovo e aninhou-se com muito mimo juntinho da gotinha de água que o esperava com tanta comção e ansiedade.

A gotinha de água era muito bonita; transparente, redondinha, espalhava no olhar o infinito reflexo das albufeiras e a prece sedenta de milhares de camponeses que a todo o transe a requeriam para humedecer as suas sementes e as transformar em vida.

As noites passaram e o rescaldo do crepúsculo anunciava vigorosamente um novo dia que delimitaria, cada vez com mais rigor, os seus destinos; o pico das serranias e o ondular das marés que a espuma vigorosa dos açudes movimentaria seriam uma doce e etérea obsessão.

Dezembro chegou; um Dezembro morno sem o vidro matinal do agulhar das geadas nos beirais, sem as saudáveis neves de Barroso que revitalizam o corpo e espiritualizam a alma na doce calma das lareiras onde o carvalho se incendia e aquece. Ah! saudoso escamo! Saboroso pichel de mil fragâncias!

De manhã, aquele orvalho desnaturado que o sol deglute num primeiro jorro de amanhecer e a quietude doentia do grande mar de resteba e landras, monotomizam a vida e anunciam os prenúncios do inverno.

Foi numa destas manhãs de frio que

um perfume natalício adocicava, que foram surpreendidos por uma criança. Tratava-se de um menino muito triste, magrinho, saltador de campos de miséria e de sonhos. Parou, ajoelhou-se aos pés do sol nascente e rezou:

— Jesus, já que não me dás riqueza, nem família, dá-me, ao menos um Natal!

— A Gotinha de água chorou e o farrapinho de neve, também. As lágrimas do menino tristes juntaram-se às dele e foi num instante que um enorme rio galgou a planície; um rio de lágrimas, que cavou, na secura desértica daquele sol retalhado a golpes de poeira, um leito de esperança e as searas cresceram avultadas.

As noites adivinhavam o Natal e o vento trazia nas pupilas o festivo campanar dos sinos das aldeias que se debruavam no quebranto dos cabeços, em carrilhões de luar.

Um homem de idade indefinível, cabelos tinsados pelo tempo e longas barbas, puxava um burro muito velho, lanzado, de orelhas muito asininas que uma senhora montava com a elegância esbelta da mais refinada amazona. Não teria, ainda vinte anos, mas os seus sedosos cabelos compridos que se desprendiam em cataratas de beleza sobre um magnífico colo de fino alabastro, que um olhar celestial iluminava, davam-lhe a aragem convicção de uma dama madura; estava grávida.

— José, é melhor ficarmos aqui. Diz-me o coração, que o nosso filho vai nascer em breve.

— Dizes bem, Maria, procuremos um abrigo, que a noite arrefece.

Entraram num pobre casebre onde uma vaca franzina cochilava de sonolência e um burrito entradote contava carneiros para conciliar o sono. Nem deram pelos intrusos.

A senhora, muito atarefada aconchegou a mangedoura de palhinhas e cobriu-as com paninhos de linho que rescendiam a rosmaninho acabado de colher.

— José, não se entristeça o teu coração, Deus está conosco.

A gotinha de água pressentiu o milagre e disse ao menino triste:

— Vai depressa ao curral. Está lá uma senhora que precisa de ti.

Assim foi. O rapazinho, assustado, entrou e logo sentiu vagidos e um relâmpago iluminava a cabana com toda a luz que havia na terra e nos céus e o menino triste, petrificado, gritou:

— Venham todos, o Menino Jesus acaba de nascer no meu curral!

A gotinha de água correu apressada para ajudar Nossa Senhora a lavar o menino que acabava de nascer e o farrapinho de neve cobriu o telhado de colmo do casebre, pois presépio sem neve, não é presépio. A velha palha de trigo ressuscitada da sua eterna hibernação, incendiou-se de luz e transformou-se numa estrela divina. O seu caule fosforesceu a mais luminosa cauda de exuberante cometa que algum dia cruzou os céus.

O ventre da noite ressuscitava os montes e as herdades. Milhares de pastores amotinavam-se para ofertar os seus borregos ao Recém-nascido. Depois vieram todos os reis da terra; traziam camelos carregados de fortunas imensas, de valor incalculável. Ajoelhavam-se, beijavam os pezinhos do Menino e aclamavam-no Rei. O Pequeno sorria e brincava alegremente com a gotinha de água que subtilmente se lhe aninhara nas mãozinhas.

Uma personagem estranha acabava de chegar. O farrapinho de neve afastou o colmo do telhado com medo que o intruso fizesse alguma das suas. Sabeis de quem se trata? Claro, era o grilo. Vestia-se de negro e as suas asas resplandeciam o aquilatado ouro das coroas reais; bem poído, gordo, educado, um autêntico gentleman. Ajoelhou-se, munuiu-se de um violino prateado, executou uma obra de câmara, fez uma

vénia, depositou o instrumento aos pés do menino e saiu. Grande surpresa; o grilo vivia bem!

O farrapinho de neve e a gotinha de água deram-se as mãos e correram no magnífico viravoltear da aragem matinal que soprava cáldia do norte de África.

As portas da aurora acabavam de se abrir e o horizonte iaia facho de luz difusa que impregnava uma tela impressionista que a magnitude de Deus acabava de autografar.

Os dois amigos, mesmo longe das serranias e dos lagos dos planaltos, saborearam a verdadeira felicidade; a

inexplicável felicidade de fazermos nossa a felicidade dos outros.

No dia seguinte partiram. O grilo, agora humanizado, transportou-os numa carruagem de prata que quatro alazões de raça lusitana puxavam a toda a brida pelas estradas incomensuráveis da imaginação das crianças.

Outras aventuras os esperam; correrão o mundo, a guerra, a paz e um dia hão-se alojar-se no coração pequenino dos meninos infelizes deste mundo.

In «O FARRAPINHO DE NEVE E A GOTINHA DE ÁGUA»

Luís de Faria

## TRIBUNAL JUDICIAL DE MELGAÇO

### ANÚNCIO

#### 2ª Publicação

FAZ SABER que por este Tribunal Judicial, correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, CITANDO os credores desconhecidos da executada MARIA DA LUZ DOMINGUEZ MENDEZ, residente em Corujos, Padreira 13 Bajo, Vigo, Padrenda, Espanha, para no prazo de DEZ DIAS, posterior ao dos éditos, reclamarem os seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na Execução Por Custas nº 35-D/93, movida pelo Ministério Público nesta comarca de Melgaço, nos termos do artº 864º do C.P.C.

Melgaço, 1994/11/24

A Juíza de Direito, *Lígia Maria da Nova Araújo Sá Trovão*  
O Escrivão Adjunto, *Marcos Domingues*

## TRIBUNAL JUDICIAL DE MELGAÇO

### ANÚNCIO

#### 2ª Publicação

FAZ SABER que nos autos de Processo Comum Nº 59/94, que o Mº Pº nesta comarca move contra o arguido CARLOS ALBERTO ESTEVES, casado, bancário, nascido a 16/12/1942, na freguesia de Cristóval, Melgaço, filho de Manuel José Esteves e de Júlia de Jesus Pereira, portador do B.I. 2982744, emitido em 9/03/1979, pelo A.I. de Lisboa, actualmente em parte incerta e com última residência conhecida em Sobreiro, Cristóval, Melgaço, ao qual lhe é imputado um crime de cheque sem provisão p. e p. pelas disposições conjugadas dos artsº 11º nº1 al. a), do DL 454/91 de 28/12 com referência aos artsº 313º e 314º al. c) do C. Penal, por despacho de 05/12/94 foi o arguido declarado CONTUMAZ, com os efeitos referidos no nº 1 do artº 337º do C.P.P., declaração que implica a anulação dos negócios jurídicos de natureza patrimonial celebrados pelo arguido após esta declaração e ainda, nos termos do nº 3 deste último preceito, a proibição decretada do mesmo obter documentos, certidões ou registos junto de autoridades públicas.

Melgaço, 1994/12/07

A Juíza de Direito, *Lígia Maria da Nova Araújo Sá Trovão*  
Escrivão Adjunto, *Victor Roquinho*

## TRIBUNAL JUDICIAL DE MELGAÇO

### ANÚNCIO

#### 1ª Publicação

FAZ-SE PÚBLICO que pelo Tribunal Judicial da comarca de Melgaço e nos Autos de Acção Sumária nº 121/94 em que são Autores Manuel Joaquim Vaz e mulher Maria Malheiro, residentes em Sante, Paderne, Melgaço e Réus BENTO JOSÉ GOMES, solteiro, actualmente em parte incerta de França e com última residência conhecida no lugar do Convento, freguesia de Paderne, desta comarca de Melgaço e OUTROS, é este réu CITADO para, querendo, no prazo de DEZ DIAS, finda que seja a dilação de TRINTA DIAS, prazo esse que começa a correr depois da segunda e última publicação deste anúncio, CONTESTAR o pedido que os autores deduzem naqueles autos, sob pena de poder vir a ser condenado no mesmo pedido, e tudo como melhor consta da petição inicial, cujo respectivo duplicado se encontra na Secretaria deste Tribunal a fim de ser entregue quando solicitado.

Melgaço, 1994/12/14

A Juíza de Direito, *Lígia Maria da Nova Araújo Sá Trovão*  
Escrivão Adjunto, *Victor Roquinho*



# Forais Melgacenses

## (Continuação)

Para a fixação deste texto servi-me de três versões do foral: uma publicada pelo Dr. Augusto César Esteves, outra publicada pelo P. Bernardo Pintor e a que se encontra na Torre do Tombo. Não foi fácil, porque nenhuma das versões utilizadas coincide exactamente com as outras. Assim, tive de ser eclético, isto é, tive de aproveitar o que de melhor, do meu ponto de vista, tinha cada uma delas. Como o foral é extenso, não vou alongar-me em informações sobre o reinado do rei venturoso; isso ficará para outra ocasião.

Não quero no entanto deixar aqui de fazer um apelo à Câmara Municipal: microfílmem o foral para poderem facultar fotocópias aos estudiosos e preservarem esse valiosíssimo documento.

## FORAL

D. Manuel, por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, d'Aquém e d'Além Mar em África, e Senhor da Guiné e da Conquista e Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia, Índia.

A quantos esta nossa carta de foral, dada à Vila de Melgaço, para sempre virem, fazemos saber que por bem das sentenças e determinações gerais e especiais que foram dadas e feitas por nós e com os do nosso Conselho e Letrados, acerca dos forais dos nossos reinos e dos direitos reais e tributos que por eles se deviam de arrecadar e pagar. E assim, pelas inquirições que principalmente mandámos fazer em todos os lugares de nossos reinos e senhorio, justificadas primeiro com as pessoas que os ditos direitos reais tinham, achamos (visto o foral d'el-rei D. Afonso, Conde de Bolonha, e por el-rei D. João I, nosso bisavô (desfeito)) que os tributos, foros e direitos reais na dita Vila, se devem e hão-de arrecadar e pagar, daqui em diante, na maneira e forma seguinte:

Mostra-se serem dados pelo dito rei D. Afonso, conde de Bolonha, dois forais de que aqui não fazemos menção, porque um deles foi de foro cerrado (1) por 300 libras, o qual, pelo mesmo rei, foi desfeito por favor. E deu-lhe outro foral segundo o de Ribadavia, comarca vizinha ao dito lugar, sita no reino da Galiza, do qual isso mesmo aqui não se faz declaração, porquanto el-rei D. João, meu bisavô, desfez ambos os forais e mandou arrecadar os direitos e tributos reais, no dito lugar, segundo se pagavam antes dos ditos forais; por isso, no dito lugar houve sempre dúvidas e contendas sobre o pagamento dos ditos direitos, por não se poderem saber bem quais os direitos que se pagavam no tempo dos primeiros aforamentos e foral.

E agora (por bem das inquirições e justificações que mandámos fazer geralmente em nossos reinos, e por consequente na dita Vila e lugar, para declaração dos forais de nossos direitos), achamos que as rendas e direitos reais se devem pagar na dita Vila na forma seguinte:

Primeiramente, tem a coroa real, na freguesia de Cristóval, nove casais reguengos (2), que pagam o quarto de tudo o que lavram; e jazem mais, nesta freguesia, certas herdades e bouças, que se lavram de tarde em tarde, e quando se lavram pagam de quarto.

Na freguesia de Rouças o casal de Cavaleiros, que traz Pero Mouro. Paga sabudo de pão (3), vinte alqueires, ou seja: quinze de centeio e cinco de milho, e uma marrá. E se não tem escritura de obrigação pode-se mudar ao quarto

se quiser.

E assim é reguenga a vinha de Diogo Alvares, que ora traz e lavra Pero de Crasto, alcaide-mor da dita Vila; e se a der a outrem será segundo se puder concertar, sem ser obrigada a coisa certa.

Na freguesia de São Paio está uma vinha e uma herdade que traz Gomes de São Paio, e paga de quarto.

E acerca do quarto das dizimas e primícias da dita Igreja de São Paio, que costumamos de levar, usaremos de nosso direito e posse, quanto por direito se achar que se deve fazer.

Na freguesia da Várzea (4) tem ora o dito Pero de Crasto a quinta da Várzea, que é reguenga, e assim as vinhas e herdades dela, e costumavam ser dois casais reguengos. E quando se der a lavradores não ficará obrigada ao direito do reguengos e dar-se-á a prazer das partes por aquilo que se concertarem, sem ficar a dita quinta posta em outra obrigação da paga do reguengo, por ser fora dos reguengueiros dela.

E traz mais o dito Pero de Crasto por si, na dita maneira, um reguengo, onde chamam o Louridal e o Viso, demarcado, que dão de quarto e quinto e segundo se podem avir como coisa própria nossa, sem herdeiro reguengueiro aí haver.

E nesta mesma freguesia de Cristóval se faz esta repartição da dita terra, a saber: da que se lavra e semeia da dita igreja para cima, tiram dela um terço, de que não se paga senão o dízimo a Deus; e das outras duas partes da terra levam os lavradores os três quintos e o senhorio um.

E paga-se mais, na freguesia de Paços, por Estêvão de Prado, de uma vinha e de uma herdade que traz; como está çarrada (5) e demarcada por si [paga] o quarto do vinho e pão.

E João de Sá, de outra herdade, o quarto.

E Rui do Casal, de uma vinha, o quarto.

E a mulher de Gil do Condado, de uma herdade, o quarto.

E paga-se mais, na freguesia de Chaviães, o casal de Vasco Veloso, o quarto de pão e vinho, e uma marrá.

E o casal de Dinis de Cavaleiros, paga agora de pão meado (milho e centeio), vinte alqueires e uma marrá. E se antes quiser pagar o quarto, segundo forma do reguengo, pode-o fazer se quiser. E mandamos que fique em sua escolha.

E o Casal do Outeiro paga de quarto pão e vinho somente.

E tem mais a coroa real, no rio do minho, o direito seguinte: em todas as pesqueiras antigas da freguesia da Várzea havemos de haver de quatro noites uma com seu dia; e começa-se pela manhã até o outro dia aquelas horas; e outro tanto pagarão dos nasceiros (6) e pesqueiras novas que são feitas ou se fizerem nas paredes das ditas pesqueiras antigas; e das outras novas, em outro lugar, não paguem o dito direito, salvo se fizerem prejuízo às sobreditas antigas.

E assim havemos de haver, nas pesqueiras velhas de Remoães, de nove peixes um, segundo de muito tempo estamos em posse de se levar (7); a qual noveia (8) assim se levará das pesqueiras novas e nasceiros que se fizerem nas paredes e açudadas das ditas pesqueiras velhas. E das outras pesqueiras novas, feitas noutro lugar, não pagarão a dita noveia, salvo daquelas que fizerem público dano às ditas pesqueiras velhas, porque das tais somente pagarão e não das outras.

Item (9), na freguesia de Prado são

dezasseis casais, dos quais são somente dois foreiros a nós, a saber: o de Gonçalo de Sandim e de Afonso da Baronda. E o foro paga-se desta maneira:

Quando os herdeiros pescam em todas as pescarias, uma noite não pagam nada; e da outra noite se parte todo o pescado que se toma nelas. E dele leva o Senhorio a nona parte do quinhão que acontece aos ditos dois casais. E isto, dos canais e não dos novos, de que mandamos que se não levem, o qual direito se pagará somente até à costa de prado.

E paga-se mais, a nós, por direito real, nas pesqueiras de Coule e de Pires (10) até Furadela, de todo pescado que se mata, a metade dele. E da Furadela para baixo, até ao Louridal, se paga o quarto, como de reguengo; e, porém, se os que pagam esta metade sobredita entendem que a posse em que assim estamos não prejudicará, a deverão de pagar de quarto, como as outras.

Declaramos que sem embargo de assim isto assim ficar na metade, como estamos em posse, lhe fique resguardado seu direito, o qual mandamos que se lhe faça inteiramente.

E quanto às lutosas (11) que se ora levam nos nove casais de Cristóval de que estamos em posse, declaramos que, sem embargo dela, se guarde justiça às partes se entenderem que provaram como novamente lhas pôs Fernão de Crasto. E mandamos que sem embargo de as agora pagarem e deverem de pagar pela posse não contradita nem reclamada em que estamos; todavia, mandamos que lhe seja guardada sua justiça. E porém, declaramos que as ditas lutosas, quando quer que se houverem de pagar, se paguem somente pelas pessoas que estiverem encabeçadas nos ditos casais, a saber: homens varões e não mulheres, posto que encabeçadas sejam neles; nem homens solteiros. E não se pagará lutosas pelos herdeiros dos ditos casais; nem se pagará lutosas de nenhuns casais, nem herdades da dita terra, somente dos ditos nove casais de Cristóval, na maneira e com a declaração que dita temos.

E porquanto nas inquirições antigas se mostra haver na dita terra, em muitas partes dela, terras reguengas, de que não estamos em posse; porém, por razão da propriedade que nelas tivemos, declaramos que os maninhos em que os moradores da dita terra lavrarem daqui em diante não paguem nenhum direito deles. E se os de fora da dita vila e termo a eles, em qualquer lugar, vierem lavar, que não seja dos casais alheios, pagarão a nós direito dos ditos maninhos, segundo se concertarem com os alcaides da dita vila, ou daquelas pessoas que os ditos direitos de nós tiverem.

E paga-se mais, no termo da dita vila, um direito que chamam fumagem, ou seja: cada pessoa que por si mantém casa, que se chama morador, pague dois réis, e não três como se ora levava, o qual direito não pagarão os da vila.

E quanto ao meio carro de palha, e outro de lenha, que até ora pagava e dava de graça cada morador do dito termo de Melgaço, por o castelo da dita vila, declaramos não deverem de ser mais que quarenta carros de palha, e outros tantos de lenha, por todos os moradores do dito termo de Melgaço, segundo foi mandado por uma carta-patente d'el-rei Duarte, meu avô, pela qual mandou que se dessem para suportamento do alcaide da dita vila os ditos quarenta carros de palha, e outros tantos de lenha, postos no dito castelo por os moradores do dito termo; os quais mandamos que sejam em cada um ano repartidos pelos oficiais da vila,

de maneira que não sejam mais em cada um ano que os ditos oitenta carros de lenha e palha, como dito é.

E o alcaide traz ora a pesqueira e canais da ribeira por si, e quando os der, será a seu prazer e das partes, pelo preço que se concertarem.

O gado do vento (12) é do alcaide quando se perder, segundo nossa ordenação com declaração. Que a pessoa, a cuja mão ou poder for ter o dito gado, o venha inscrever nos dez primeiros dias seguintes sob pena de lhe ser demandado de furto.

E são mais de dito alcaide as penas das armas, das quais levará somente duzentos réis e as armas; e não levará mais os mil e oitenta réis de sangue de sobrolhos, nem os ossos que chamavam, porque não foram impostos por foral, nem se achou fundamento para se levarem.

E as penas sobreditas dos duzentos réis e armas se não levarão com estas declarações: quando apunharem espada, ou qualquer outra arma, sem a tirar, nem os que sem propósito em rixa nova tomarem pau ou pedra, posto que fizerem mal. E posto que de propósito as tomem, se não fizerem mal com elas, não pagarão, nem a pagarão moço de quinze anos e daí abaixo; nem mulher de qualquer idade, nem os que castigando sua mulher, filhos e escravos, tirarem sangue; nem os que sem arma tirarem sangue com bofetada ou punhada, nem quem, em defendimento de seu corpo ou apartar e estremar (13) outros em arruído, tirarem armas, posto que com elas tirem sangue; nem escravo de qualquer idade que sem ferro tirar sangue.

E das forças levará isso mesmo, cento e oito réis, as quais não levará senão depois que forem julgadas pelos juizes e o forçado for tornado à posse pelo meirinho ou alcaide-pequeno (14) da coisa forçada, então levará os ditos cento e oito réis à custa do forçado e de outra maneira não.

E assim, será do dito alcaide a portagem, na maneira seguinte, a saber: declaramos primeiramente que a portagem que se houver de pagar na dita Vila de Melgaço, há-de ser por homens de fora dela, que aí trouxerem coisas de fora a vender, ou as comprarem aí e tirarem para fora da vila e termo, a qual portagem se pagará desta maneira: de todo o trigo, centeio, cevada, milho painço, aveia e de farinha, de cada um deles, e assim de cal, ou de sal, ou de vinho, ou vinagre, e linhaça, e de qualquer fruta verde entrando, melões e hortaliça, e assim de pescado ou marisco, se pagará por carga maior, isto é: cavalari ou muar, de cada uma das ditas coisas um real, de seis ceitis (15) o real, e por carga menor, que é de asno, meio real; e por costal que um homem pode trazer às costas, dois ceitis; e daí para baixo, em qualquer quantidade em que se venderem, se pagará um ceiti; e outro tanto se pagará quando se tirar para fora. Porém quem das ditas coisas, ou de cada uma delas, comprar e tirar para fora para seu uso e não para vender, coisa que não chegue a meio real de portagem, segundo os sobreditos preços, dessa tal não pagará portagem, nem o fará saber.

E, mesmo que mais se não declare adiante, neste foral, a carga maior ou menor, declaramos que sempre a primeira adição e assento de cada uma das ditas coisas é de besta maior sem mais se declarar, ou seja: pelo preço que nesta primeira será posto se entenda logo, sem se aí declarar, que o meio preço dessa carga será de besta menor. E o quarto do dito preço, por consequente, será do dito costal. E quando as ditas coisas, ou outras, vierem ou forem em

carros ou carretas, pagar-se-á por cada uma delas duas carregas maiores, segundo o preço de que forem. E quando uma das cargas deste foral se não venderem todas, começando a vender-se pagar-se-á delas soldo a libra (16), segundo venderem, e não da que ficou por vender. A qual portagem se não pagará de todo o pão cozido, queijadas, biscuito, farelos, nem de ovos, nem de leite, nem de coisas dele que sejam sem sal, nem de prata lavrada, nem de vides, nem de canas, nem de carqueja, tojo, palha, vassoiras, nem de pedra, nem de barro, nem de lenha, nem de erva, nem das coisas que comprarem da vila para o termo, nem do termo para a Vila, posto que sejam para vender, assim vizinhos como estrangeiros (17), nem das coisas que se trouxerem ou levarem para alguma armada nossa ou feita por nosso mandado.

Nem dos mantimentos que os caminhantes comprarem e levarem para si e para os seus animais, nem dos gados vierem pastar a alguns lugares, passando nem estando, salvo daqueles que aí somente venderem, das quais então pagarão pelas lés e preços deste foral. E declaramos que das ditas coisas de que assim mandamos que se não pague portagem, não se dê delas conhecimento.

A qual portagem, isso mesmo se não pagará de casa movida (18), assim indo como vindo, nem outro nenhum direito, por qualquer nome que o possam chamar, salvo se com a dita casa movida levarem coisas para vender, porque das tais coisas pagarão portagem onde somente as houverem de vender, sendo as quantias neste foral vão declaradas e não de outra maneira.

Nem se pagará de nenhuma mercadorias que à dita vila ou lugar vierem ou forem de passagem para outra parte, assim de noite como de dia, e a qualquer hora, nem serão obrigados de o fazerem saber, nem incorrerão por isso em nenhuma pena, posto que aí descarreguem e pousem (19). E se aí mais houverem de estar que o outro dia todo por alguma coisa, então o farão a saber e daí por diante, posto que não hajam de vender (20).

Nem pagarão a dita portagem os que levarem os frutos de seus bens móveis ou de raiz, ou levarem as rendas e os frutos de quaisquer outros bens, que trouxerem de arrendamento ou de renda, nem das coisas que a algumas pessoas forem dadas em pagamento de suas tenças, casamentos, mercês ou mantimentos, posto que as levem para vender.

E pagar-se-á mais de cada cabeça de gado vacum, assim grande como pequeno, um real; e de porco, meio real; e de carneiro, e de todo o gado miúdo, dois ceitis; e de besta cavalari ou muar, dois réis; e de besta asnal, um real.

E do escravo ou escrava, ainda que seja parida (21), seis réis. E se forrar, dará o dízimo da valia de sua alfornia, por que se resgatou ou forrou (20).

E pagar-se-á mais de carga maior de todos os panos de lã, linho, seda, e algodão, de qualquer espécie que sejam, assim delgados como grossos. E assim da carga de lã ou linho fiados, oito réis; e se a lã ou linho forem em cabelo, pagarão quatro réis por carga.

Es oitavo oitavo réis se pagam de toda a coirama curtida, e assim do calçado e de todas as obras dela.

E outro tanto da carga dos coiros vacaris curtidos e por curtir. E por qualquer coiro da dita coirama, dois ceitis, os quais não se contam na carga.

E outros oitavo réis por carga maior de azeite, cera, mel, sebo, unto, queijos secos, manteiga salgada, pez, resina,



# Forais Melgacenses

Cont. da pág. 11

breu, sabão, alcatrão.

E outro tanto por peles de coelhos ou cordeiras e de qualquer outra pelaria e forros.

E da dita maneira de oito réis à carga maior se levará e pagará por todas as mercearias, especiarias, boticárias e tinturas. E assim por todas as suas semelhantes.

E outro tanto se pagará por toda a carga de aço, estanho, e por todos os outros metais e obras de cada um deles, de qualquer espécie que sejam.

E do ferro em barra ou massuco, e de qualquer obra dele grossa, se pagará quatro réis por carga maior; e se for limada, estanhada ou envernizada, pagará oito réis, como as outras dos metais acima.

E quem das ditas coisas, ou de cada uma delas, comprar e levar para seu uso, e não para vender, não pagará portagem, não passando de custas de que se hajam de pagar dois réis de portagem, que há-de ser de duas arrobas e meia, levando a carga maior deste foral em dez arrobas e a menor em cinco, e o costal, por este respeito, nas ditas duas arrobas e meia.

E pagar-se-á mais, por carga maior destas outras coisas, a três réis por carga maior, a saber: de toda a fruta seca — castanhas e nozes verdes e secas, e de ameixas passadas, amêndoas, pinhões por britar, avelãs, bolotas, mostarda, lentilhas, e todos os outros legumes secos e das outras cargas a esse respeito.

E assim de cebolas secas e alho, porque os verdes pagarão com a fruta verde um real.

E casca e sumagre (23), pagarão os três réis, como é forma de cima.

E por carga maior de qualquer telha ou tijolo e outra obra, e louça de barro, ainda que seja vidrada e do reino e de fora dele, se pagarão os ditos três réis. E outros três réis por carga de todas as parcas e de toda a louça e obra de pau, lavrada e por lavar. E outro tanto por todas as coisas feitas de esparto (24), palma ou junco, assim grossas como delgadas e assim de tábua ou funcho.

E as outras coisas, contidas no dito foral, são escusadas aqui, porque de algumas delas não há memória que se usem nem levem: e as outras são supridas por leis e ordenações de nossos reinos.

E os que trouxerem mercadorias para vender, se no próprio lugar onde quiserem vender houver rendeiro da portagem, ou oficial dela, fazer-lho-ão saber ou as levarão à praça ou apougue do dito lugar, ou nos rossios e saídas dele, qual mais quiserem sem nenhuma pena. E se aí não houver rendeiro, nem praça, descarregarão livremente onde quiserem, sem nenhuma pena, contanto que não vendam sem o notificar ao requeredor, se aí o houver, ou ao juiz ou vintaneiro (25), se aí se puder achar. E se aí não houver nenhum deles, nem se puderem estar achar, notifiquem-no a duas testemunhas, ou a uma, se aí mais não houver, e a cada um deles pegrão o dito direito da portagem que por este foral mandamos pagar sem nenhuma mais cautela, nem pena.

E não o fazendo assim, descaminharão e perderão as mercadorias, somente de que assim não pagarem o dito direito da portagem, e não outras nenhuma, nem as bestas, nem carros, nem as outras coisas em que as levarem, ou acharem.

E posto que aí haja rendeiro no tal lugar ou praça, se chegarem porém depois do sol-posto, não farão saber, mas descarregarão onde quiserem, contanto que ao outro dia, até ao meio dia, o

notifiquem aos oficiais da dita portagem primeiro que vendam, sob a dita pena; e se não houverem de vender e forem de caminho, não serão obrigados a nenhuma das ditas recadações (26), segundo que no título da passagem fica declarado.

E os que comprarem coisas para tirar para fora de que se deva pagar portagem, podê-las-ão comprar livremente sem nenhuma obrigação, nem diligência. E somente antes que as tirem para fora do tal lugar e termo, arrecadarão com os oficiais que pertencer, sob a dita pena de descaminhado.

E os privilegiados da dita portagem, posto que a não hajam de pagar, não serão escusos destas diligências destes dotes capítulos atrás, das entradas e saídas, como dito é, sob a dita pena.

E das ditas manifestações de fazer saber a portagem não serão escusas as pessoas que tirarem por o dito lugar mercadorias para Castela, ou as meterem de Castela para aí, posto que as aí não compreem nem vendam por ser o lugar derradeiro do extremo. E pagarão aí delas, carregando ou saindo, como das tais coisas no dito lugar se manda pagar de compra ou venda por este foral. A qual portagem de passagem, aí mais não pagarão das ditas coisas, se aí delas pagarem de compra ou venda no dito lugar, nem a pagarão as pessoas privilegiadas, assim de compra e venda, como de passagem.

As pessoas eclesiásticas de todos os mosteiros, assim de homens como de mulheres que fazem voto de profissão, e os clérigos de ordens sacras, e assim os beneficiados de ordens menores, posto que as não tenham, que vivem como clérigos, e por tais forem havidos, todos os sobreditos são isentos e privilegiados de pagarem nenhuma portagem, usagem, nem costumeira, por qualquer nome que a possam chamar, assim de coisas que venderem de seus bens e benefícios, como das que comprarem, trouxerem ou levarem para seus usos, ou de seus benefícios e casas e familiares de qual qualidade que sejam, assim por mar, como por terra.

E assim o serão as cidades, vilas e lugares de nossos reinos, que têm privilégio de a não pagarem, a saber: a cidade de Lisboa e a Gaia do Porto, Póvoa de Varzim, Guimarães, Braga, Barcelos, Prado (27), Ponte de Lima, Viana de Lima, Caminha, Vila Nova de Cerveira, Valença Monção, Castro Lobreiro, Miranda, Bragança, Freixo, Azinhoso, Mogadouro, Ansiães, Chaves, Monforte de Rio Livre, Montalegre, Castro Vicente, Vila Real; e cidade da Guarda, Juromelo, Pinhel, Castelo Rodrigo, Almeida, Castelo Mendo, Vila Maior, Alfaiates, Sabugal, Sortelha, Covilhã, Monsanto, Portalegre, Marvão, Arronches, Campo Maior, Fronteira, Monforte, Vila Viçosa, Elvas, Olivença; a cidade de Évora, Montemor-o-Novo, Monsaraz, Beja, Moura, Noudar, Almodôvar, Odemira.

E assim serão privilegiadas quaisquer pessoas outras, ou lugares que nossos privilégios tiverem e os mostrarem, ou trasladados deles em pública forma além das acima contidas.

E assim o serão os vizinhos do dito lugar e termo escusos da dita portagem no mesmo lugar, nem serão obrigados a fazerem saber de ida nem vinda.

E as pessoas dos ditos lugares privilegiados não tirarão mais o traslado de seu privilégio, nem o trarão; somente trarão certidão feita pelo escrivão da Câmara e com o selo do Concelho, como são vizinhos daquele lugar. E posto que haja dúvidas nas ditas certidões, se são verdadeiras, ou daqueles que as apresentam, poder-lhes-ão sobre

isso dar juramento sem os mais dete-rem, posto que se diga que não são verdadeiras. E se depois se provar que eram falsas perderá, o escrivão que a fez, o ofício e será degradado dois anos para Ceuta; e a parte perderá em dobro as coisas de que assim enganou e sonegou a portagem: a metade para a nossa Câmara e a outra para a dita portagem, dos quais privilégios usarão as pessoas neles contidas pelas ditas certidões, posto que não vão com suas mercadorias, nem mandem suas procurações, contanto que aquelas pessoas que as levarem jurem que a dita certidão é verdadeira e que as mercadorias são daqueles cuja é a certidão que apresentaram.

E qualquer pessoa que for contra este nosso foral, levando mais direitos dos aqui mencionados, ou levando destes maiores quantias das aqui declaradas, o havemos por degradado por um ano fora da vila e termo e mais pagará da cadeia trinta réis por um (de tudo o que assim mais levar) para a parte a que o levou. E se não quiser levar (28) seja a metade para os cativos e a outra para quem o acusar. E damos poder a qualquer justiça onde acontecer, assim juizes como vintaneiros ou quadri-lheiros, que sem mais processo nem ordem de juízo, sumariamente, sabida a verdade, condenem os culpados no dito caso de degredo e assim do dinheiro até quantia de dois mil réis, sem apelação nem agravo, e sem disso poder conhecer almoxarife, nem contador, nem outro oficial nosso, nem de nossa fazenda, em caso que o aí haja. E se o senhorio dos direitos o dito foral quebrantar, por si ou por outrem, seja logo suspenso deles e da jurisdição do dito lugar, se a tiver, enquanto nossa mercê for. E mais, as pessoas que em seu nome ou por ele o fizerem, incorrerão nas ditas penas, e os almoxarifes, escrivães e oficiais dos ditos direitos que o assim não cumprirem, perderão logo os ditos ofícios, e não haverão mais outros. E portanto, mandamos que todas as coisas contidas neste foral, que nós pomos por lei, se cumpram para sempre. Do teor do qual mandamos fazer três: um deles para a Câmara da Vila de Melgaço, e outro para o senhorio dos ditos direitos, e outro para a nossa torre do tombo, para em todo o tempo se poder tirar qualquer dúvida que sobre isso possa sobrevir.

Dada em nossa mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa, a três dias de Novembro, ano do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de mil quinhentos e treze.

E eu, Fernão de Pina, o fiz fazer por mandado especial de Sua Alteza. E o subscrevi e concertei em treze folhas atrás.

EL-REI

## NOTAS

01 — Liquidado, remido, substituído por dinheiro.

02 — Pertencentes à coroa, ao rei. Hoje diríamos do Estado.

03 — Pão sabudo: a medida de pão que se pagava de renda.

04 — Deve tratar-se do lugar da Várzea, na freguesia de Paderna.

05 — Vedada. Provavelmente com muro à volta.

06 — Armadilhas para apanhar os peixes.

07 — De acordo com aquilo que há muito se pratica.

08 — Um em cada nove.

09 — Item: a mesma coisa, igual.

10 — O Dr. A.C. Esteves transcreveu: «pescadeiras de collo e de pirez»; o Padre B. Pintor: «pescadeiras de Cabo e de Pires». No foral que se encontra na Torre do Tombo lê-se: «pescadeiras de

col e depirez». O erro deve-se certamente à pronúncia; o redactor apoiou-se em inquirições, e estas muitas vezes ficavam salpicadas de erros. As pescadeiras de Coule e Furadela pertenciam a Chaviães. Não sei se ainda existem! Quanto à pesqueira de Pires nenhuma referência encontrei a seu respeito. Deve, no entanto, situar-se perto da primeira. «O Meu Livro das Gerações Melgacenses», de A.C. Esteves, volta a mencioná-las. Os mais curiosos poderão consultar as páginas 61, 541, 548, do vol. I; e 89, do vol. II. Havia pesqueiras com nomes engraçados: Samaró, Lagostão, Saca Unhas, Físcoa, etc.

11 — Antigo direito que os donatários cobravam por morte dos respectivos rendeiros. Este Fernão de Crasto foi alcaide-mor de Melgaço de 1483 a cerca de 1500. Era pai de Pero de Crasto.

12 — Gado extraviado, perdido.

13 — Separar as pessoas que se encontravam em briga, desordem.

14 — «...devia ser apresentado pelo alcaide-mor e aprovado pela vereação». Substitua o alcaide-mor sempre que este ia para a guerra.

15 — Moeda portuguesa, criada no tempo de D. João I; valia um sexto de um real.

16 — Interprete assim: pagarão tributo por cada libra de carga. A libra, unidade de peso, equivalia a cerca de

meio quilo.

17 — Estranhos à terra.

18 — Suponho tratar-se de mudança de casa.

19 — Se fixem por algum tempo. Pousem, de pousada

20 — Até que nada tenham para vender.

21 — Ainda que tenha filhos.

22 — Quer dizer: se alcançar a liberdade (alforria) mediante pagamento, da diferença entre aquilo que custou e aquilo que pagou ou pagaram, dará 10 por cento.

23 — Pó, mais ou menos grosseiro, resultante da trituração das folhas e flores dessa planta, e empregado em medicina e tinturaria.

24 — Por exemplo: capachos, cordas, esteiras...

25 — Aquele que cobrava a vintena, tributo ou pensão de um por vinte ou da vigésima parte do rendimento; juiz de vintena.

26 — Notificações. De recado.

27 — Em nossos dias freguesia do concelho de Vila Verde.

28 — Leio assim: se a parte lesada não quiser o seu quinhão da multa, esse dinheiro será dividido pelos presos e pelo acusador.

Saudações amigas a todos os melgacenses.

Joaquim A. Rocha

## Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 15/01/94

A cargo do Notário, Lic. António Gonçalves de Sousa.

CERTIFICO que, para efeitos de publicação, por escritura lavrada aos 05 de Janeiro de 1995, exarada a fls. 11 vº e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas nº 120-B, deste Cartório, JOSÉ DOMINGUES e esposa LAURINDA ESTEVES, casados sob o regime da comunhão geral de bens, ele natural da freguesia de Lamas de Moura e ela natural da freguesia de Paderna, ambas deste concelho, residentes no lugar de Lage, da freguesia de Remoães, também deste concelho, fizeram as declarações constantes da fotocópia anexa que, com esta se compõe de 04 folhas.

Que, são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, dos seguintes bens imóveis:

URBANO  
PRÉDIO URBANO composto de «CASA DE MORADA», com dois pavimentos, com a área coberta de setenta metros quadrados e rossios com a área de trinta e três metros quadrados, sito no referido lugar de Lage, que confronta do norte com António de Sousa Lobato, do sul com José Domingues, do nascente com Maria Lourenço e do poente com José Domingues, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 165, com o valor patrimonial de oito mil duzentos e trinta e seis escudos e ao qual atribuem o valor de CEM MIL ESCUDOS; e

DOIS  
PRÉDIO URBANO composto de «CASA DE MORADA», com dois pavimentos, com a área coberta de oitenta e dois metros quadra-

dos, páteo com a área de cem metros quadrados e uma DEPENDÊNCIA com a área de vinte metros quadrados, sito no lugar de Lage referido, que confronta do norte com António de Sousa Lobato, do sul com João Evangelista Cardoso, do nascente com José Augusto de Sousa Lobato e do poente com eira de herdeiros, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 149, com o valor patrimonial de onze mil novecentos e oitenta e oito escudos, e ao qual atribuem o valor de CEM MIL ESCUDOS.

Que os referidos imóveis não se encontram descritos na Conservatória do Registo Predial deste concelho.

Que não possuem qualquer título formal para registar tais imóveis naquela Conservatória.

Que, no entanto, sempre estiveram na detenção e fruição dos imóveis em causa, durante mais de vinte anos, detenção e fruição de estas adquiridas e mantidas sem violência, e exercidas sem interrupção, nem qualquer oposição ou ocultação, ou seja, de modo a poderem ser conhecidas por quem tivesse interesse em contrariá-las.

Que, tal posse, assim mantida e exercida o foi em nome e interesse próprios e traduziu-se nos factos materiais conducentes ao integral aproveitamento dos imóveis, nomeadamente, usufruindo-os, habitando-os e pagando as respectivas contribuições e impostos.

Que, tal posse, por ter sido pacífica, pública, contínua e durante mais de vinte anos, facultou-lhes a aquisição por usucapião do direito de propriedade em causa.

E que este direito, dada a sua natureza não é susceptível de ser comprovado por qualquer título formal.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.  
CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO, 95-01-09.  
O AJUDANTE, Jorge Manuel Martins Rebelo



# O «rosto humano» dos nossos socialistas!

Dois entendimentos contrapostos do que é o Natal e qual a melhor maneira de o celebrar.

Seguem-se 3 textos dos vereadores do P.S.D. que oferecemos para informação e reflexão. As conclusões e as atitudes serão de cada um.

## Municípios e autarcas COMUNICADO

Na reunião ordinária da Câmara Municipal de 14/11/94, relativamente ao pedido de subsídio para a festa de Natal dos trabalhadores, entenderam os vereadores do PSD votar contra, pelos motivos de todos sobejamente conhecidos, uma vez que consta da respectiva acta e foram divulgados pela imprensa local.

Posteriormente, quando convidados, por escrito, pela comissão organizadora, para a referida festa, entenderam os vereadores do PSD comunicar, também por escrito, à referida comissão, os motivos pelos quais entendiam dever recusar o convite. Em democracia, entendemos que o assunto se devia considerar encerrado: houve um pedido de subsídio contra o qual, publicamente, votamos, justificando as razões do nosso voto; houve um convite que recusamos, mencionando aos organizadores os motivos que originaram a nossa recusa.

Lamentavelmente, não sabemos com que real intuito, não entenderam assim vários protagonistas:

1º - O próprio presidente da Câmara que, em posterior reunião pública, apelou os vereadores do PSD de hipócritas porque, seguindo ele, um dos referidos vereadores apesar de ter votado contra o pedido de subsídio, ter-se-ia inscrito e à família para a referida festa. (\*)

2º - Alguns trabalhadores da Câmara Municipal que, segundo julgamos saber, fizeram circular um abaixo assinado «contra» (?) os vereadores do PSD. Para que, sobre este assunto, não haja mais equívocos, decidimos, embora correndo o risco de não estar a ser eticamente correctos, dar forma pública à missiva que os dois vereadores do PSD enviaram à comissão organizadora da festa de Natal dos trabalhadores da Câmara Municipal.

Só assim, poderão todos os melgacenses ajuizar das nossas razões, bem como julgar a atitude caluniosa do presidente da Câmara.

C.O. da Festa de Natal dos  
Trabalhadores da C.M.

Câmara Municipal de Melgaço  
Melgaço, 13 de Dezembro de 1994  
Exmo.(a) Sr.(a) Sr.(a) Sr.(a)

É com enorme satisfação que acusamos a recepção do vosso convite para participar na Festa de Natal dos Trabalhadores da Câmara Municipal. Com efeito, é sempre agradável constatar que a nossa presença é apreciada, em data tão propícia à confraternização.

Lamentavelmente, cumpre-nos informar que, por discordarmos profundamente da forma como foi levada a efeito a angariação de fundos, não poderemos estar presentes. Para o facto pedimos a vossa melhor compreensão, permiti-

do-nos, ainda, sugerir que, para futuras confraternizações, se evite recorrer, como forma de financiamento, à utilização de dinheiros públicos.

Afinal, não teremos, todos os que de uma forma ou de outra estamos ligados à Câmara Municipal, possibilidades de confraternizar e ser solidários, sem utilizar recursos que tão necessários são aqueles que, no nosso concelho, não têm sequer, possibilidades de subsistir?

Correndo, embora, o risco de nos tornar maçadores, atrevemo-nos, também, a enviar-vos fotocópias de uma proposta apresentada em 28/11/94 pelos vereadores do PSD e reprovada em 12/12/94, pela maioria P.S. Assim, poderão verificar, de facto, a justiça da nossa posição, que não nos permite participar em festas que um presidente e uma maioria, num despudor apavorante, subsidiam com dinheiros públicos, enquanto, hipócrita e desumanamente, permitem que outros municípios vivam em condições indignas de qualquer ser humano, justificando-se com a falta de verbas ou dizendo que não é da competência da Câmara.

Com os melhores cumprimentos  
Os Vereadores do PSD

Proposta de Intervenção Social no lugar da Cidade, freguesia de Pademe, apresentada pelos vereadores do PSD.

1 - Descrição da população existente.

1.1 - Idade e características dos habitantes.

1.1.1 - Pessoas que ultrapassam a idade de 65 anos - 6.

1.1.2 - Pessoas em idade produtiva - 6, mais 1 inválido e 1 deficiente mental.

1.1.3 - Crianças com menos de 14 anos... 1 deficiente mental complicado.

1.1.4 - Percentagem provável de alcoolismo: 20%.

1.1.5 - Percentagem de inválidos e deficientes mentais: 28,5%

1.1.6 - Rendimento «per capita» idêntico a 20.000\$00/mês

2 - Descrição dos agregados familiares

(Orientando a caracterização no sentido norte/sul, a começar pelo norte, temos os seguinte agregados familiares):

2.1 - Dois idosos e um desempregado

2.2 - Uma idosa e sua filha deficiente mental (\*\*)

2.3 - Um casal em idade produtiva, sendo a mulher doméstica e o homem trabalhador agrícola e uma filha inválida (\*\*\*)

2.4 - Um casal em idade produtiva, sendo ela doméstica e ele trolha e um idoso.

2.5 - Dois idosos, um deles com doença crónica em fase terminal (\*\*\*\*)

2.6 - Mãe e um filho, ele deficiente mental complicado e invisual.

3 - Descrição do agregado habitacional

Na sua maioria é formado por um

conjunto de habitações em pedra antiga, a necessitar urgentemente de reparação, onde faltam as mais elementares condições de higiene e salubridade, nomeadamente, ao nível dos quartos de banho, energia eléctrica e esgotos.

4 - Descrição da rede viária

Estradão calcetado até cerca de 200 metros do lugar, seguido de uma abertura rudimentar em saibro até 50 metros do lugar que termina em caminho público rudimentar, onde não podem circular veículos automóveis.

Propõe-se:

De imediato:

a) calcetamento do estradão em terra batida e abertura e calcetamento do caminho, pelo meio e até ao fim do lugar;

b) ligação gratuita de energia eléctrica e água pública, nos locais ainda dela desprovidos;

Obs: quando se comprovar que os recursos são insuficientes, a autarquia deve suportar os encargos mensais com estes dois bens sociais.

c) ligação telefónica para as duas residências dos deficientes mentais e doente terminal;

Obs: a autarquia deverá suportar quer a taxa de ligação, quer a taxa de utilização.

d) subsídio 30.000\$00/mês para o lar do deficiente mental e invisual

9) verificar em que condições o lar do outro deficiente mental funciona, uma vez que há fortes suspeitas de que a mãe faz passar fome à filha, gastando-lhe a sua pensão de invalidez. Se assim for, garantir, pelo menos, a alimentação condigna da deficiente mental.

A curto prazo:

Recuperar as habitações existentes dos habitantes que não têm possibilidades, dotando-as de quartos de banho, cozinhas com esgotos, água pública e energia eléctrica.

Por último:

Fazer o acompanhamento social a todos os habitantes do lugar que dele necessitam.

NOTA: esta proposta foi reprovada com 5 votos contra do presidente e de todos os vereadores socialistas e 2 votos a favor dos vereadores social democratas, apesar destes terem garantido que para a resolução da parte imediata desta proposta seriam precisos menos dos mil contos atribuídos à festa de Natal dos trabalhadores da Câmara Municipal.

(\*) as estas afirmações, respondeu, de imediato, o vereador Vergara Vaz: «O Sr. presidente está a mentir!»

(\*\*) neste momento a mãe abandonou o lar, encontrando-se a deficiente mental sozinha na habitação

(\*\*\*) há cerca de uma semana, ocorreu um incêndio nesta habitação que, só não terminou em tragédia devido à acção rápida e eficaz dos Bombeiros Voluntários de Melgaço

(\*\*\*\*) infelizmente, este doente terminal já faleceu (30/12)

## Notícias do Rio de Janeiro

Por  
MANUEL  
IGREJAS

Cont. da pág. 14

cerca de 40 minutos pendurados no telefone. Foi o costumeiro banho na saudade que ficou mais viva e reluzente que nunca. Os amigos e parentes beneficiaram-se com a nossa lavagem de alma aconchegando-se mais a nós. Como é bom conversar com esta prima maravilhosa. Prometeu fazer-nos uma visita. Estamos aguardando.

\* \* \*

Dos amigos mais chegados, os melgacenses da beira da porta, os irmãos Pereira, de Cristóval, recebemos um carinho todo especial. Desconfio que são anjos disfarçados e eles nem desconham. Estão presentes em todos os momentos da nossa vida. Nas horas boas compartilham connosco e nas horas amargas tudo fazem para nos alegrar. Não há como retribuir, só aquele que está acima de nós poderá saldar a nossa dívida.

\* \* \*

Por falar nos Pereiras, o Armando está babando de felicidade. Os netos e a filha que estavam desterrados em Campo Grande, Matogrosso do Sul, retornam à base. Os netos, Amanda, Léio e Carla, já no 1º de Janeiro vem em definitivo, a filha Isabel Cristina no meio do mês e o genro Dr. David, no final. O regresso está sendo feito por etapas para o impacto de felicidade não ser excessivo.

As datas festivas vão voltar a ser comemoradas novamente com a patota toda reunida. Toda, sim! Deu para entender?...

\* \* \*

E o outro Armando, o Quintela, e a sua Lourdes, estão na mesma situação de alegria. Os ditos netos são comuns, alegram cá e alegram lá. Dr. David, realmente prevaleceu o bom senso: não tinha graça nenhuma essa lonjura de pernoite entre tanto bem querer. Tomara que connosco aconteça o mesmo milagre...

\* \* \*

Por falar no Quintela: contou-me que o Mário Tenente escreveu-lhe. Esta, «Voz de Melgaço» milagreira...

\* \* \*

E o Sr. Padre Júlio, na passagem de ano transmitiu-nos de viva voz a sua mensagem de carinho.

Que Deus lhe pague.

\* \* \*

A Lálá Migueis Pires fez-nos uma visita. Aléluia! Fazia um bocadinho de anos que não nos visitámos. Apareceram quase de surpresa, ela, a filha Ana Maria, os netos João e Ana Luiza e o Genro, Jorge. Foi uma alegria muito grande na ante-véspera da passagem de ano. Confraternizamos e pusemos a escrita em dia. Falamos de Deus e todo mundo. A família Pires foi passada em revista com bastante carinho. Disse que o Néca lhes escreveu; eu fiquei admiradíssimo por ele ainda saber escrever... me deve uma resposta a mais de trinta anos.

Mas a Lálá está muito bem, parece uma gatona embora a patota dela diga que está ficando ranzinza... A Ana, benza-a Deus, que mulheraça. Mais formosa que nunca. O marido merece, além de muito amigo e carinhoso para a família, é um homem bem apessoado. A Ana Luiza está uma mocetona. Nos seus doze anos está mais alta que a mãe e bem rechunchudinha. O João, com 14 anos já exhibe um projecto de bigode. Rapagão bem constituído atleticamente e intelectualmente lembra muito o avô João Pires: está sempre inventando ou investigando algo. Não pode ver parafuso, porca ou prego na rua que não leve para casa. Já tem um quarto cheio dessas bugigangas, ferramentas e afins. É uma miniatura do galpão oficina do Pápa Pires. Esta turma Pires envia por meu intermédio mil abraços para todos os familiares. Está no projecto da Lálá uma visita à terra com um dos netos.

\* \* \*

E por falar nos Migueis, o Zézé voltou a ser avô. O terceiro neto chegou há pouco mais dum mês, filho da Silvia a que chamaram Yurin. Felicidades para eles.

\* \* \*

Não sei se este noticiário chegará a tempo de ser publicado. Os netos estão bem tomando o tempo todo. Vai atrasado p'ra caramba!... Tomara que o pessoal da gráfica que imprime o jornal tenha tomado uma senhora bebedeira nas Festas de Natal e Ano Novo e a resaca tenha impossibilitado rodar o jornal. Af a culpa será deles e não minha... Brincadeira pessoal, um grande abraço para todos que fazem o nosso jornal.

Rio. 2/11/95  
M. Igrejas

## Caixa de Crédito Agrícola do Alto Minho

Em 10 de Dezembro passado, as Caixas de Crédito Agrícola de Arcos de Valdevez, Monção, Melgaço, Cerveira, Viana do Castelo, Ponte de Lima e Ponte da Barca fundiram-se numa só e nasceu a

Caixa de Crédito Agrícola do Alto Minho.

O acto oficial efectivou-se no Governo Civil de Viana do Castelo.

## Recenseamento Militar

Durante este mês de Janeiro, as pessoas do sexo masculino, dos 18 aos 35 anos, terão de fazer o recenseamento militar, podendo-o fazer

na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho ou, estando no estrangeiro, no Posto Consular da área onde residam.



# Notícias do Rio de Janeiro

Por  
MANUEL  
IGREJAS

O Manuel Golim, esse amigalhão, meu «almocreve» predilecto, entrou em recesso compulsório. Inflamação numa perna obrigou-o a tratamento e intervenção cirúrgica que o reteve mais de 15 dias de «molho» na cama. Para quem não gosta de ficar parado um minuto foi um «castigo» e tanto. A erisipela de vez em quando faz dessas coisas.

A parte gostosa do incidente, disse ele, foram os desvelos e carinhos constantes da sua Idalina, novidade na vida do casal. Nunca havia ficado retido no leito por doença e portanto faltava motivo para essa demonstração de amor.

Já dizia aquele célebre filósofo melgacense, Chico Mindelo: há males que vem para bem!

E por falar na turma Golim e assemelhados, o António Manuel, neto da Perpétua, e a esposa Ana, andaram turstando por aqui. Vieram passar férias e rever a família mais chegada que se transferiu quase toda para cá.

A Perpétua é que andou nas nuvens de tanta alegria com os netos reunidos, António Manuel, Victor Manuel e João Henrique, mais as três bisnetinhas, Ana Sofia, Victória e Ana Carolina. Para coroar a fase de passeios e festas o Manuel João, o inveterado celibatário, filho da Perpétua, mudou de idade no dia 11 de Novembro com uma festança que se iniciou no dia anterior e se estendeu até terça-feira seguinte, emendando com o bota-fora dos visitantes, Ana e António Manuel.

Na terça-feira, 13, a despedida foi no Restaurante Demoselle, do aeroporto, em almoço de confraternização familiar. Eu era o único penetrante (estranho à família) na reunião Golim-Lourenço-Cerdeira. Estavam: a Perpétua, matriarca da família, o seu filho Manuel João: o irmão Henrique e sua bela Teresa dos olhos verdes; os netos António Manuel, a esposa Ana e a filhinha destas, Ana Sofia; o Victor Manuel e as suas «pimentinhas» gêmeas, Victória e Ana Carolina; o João Henrique e este cronista.

Eu quiz saber novidades da terra e o António Manuel disse não haver. «Lá não acontece nada!... A Ana, sendo enfermeira em contacto directo diariamente com os enfermos que, por obrigação de ofício, tal como os barbeiros, tinha de saber da vida de todo mundo, também alegou não saber novidades. Então eu tive de contar-lhes algumas coisas que se passaram na terra ao que eles concluíram: — mas isso não é novidade, é o que nós sabemos... (?)».

Para por a escrita em dia só mesmo a Perpétua: com essa vale a pena conversar...

Pela Ana envie abraços a todos af da terra, cobrem dela.

A Perpétua estava feliz com a perspectiva da filha Fernanda e o genro Manuel Cerdeira virem passar o Natal com ela; na última hora cancelaram a viagem. Segundo informações officiosas fidedignas, o Manuel medrou... avião faz mal a algumas pessoas; que o diga o meu mano Gú...

Bem que eu gostaria que o Manuel Cerdeira pintasse por aqui. É meu contemporâneo, parceiro de «Os Vitoriosos» e muita coisa teríamos a recordar.

O Ilídio de Sousa, o novo Carriço, o filho do Alberto Carriço, cada vez mais nos surpreende. Logo, na primeira vez que no jornal deparei com sua colaboração, manifestei meu agrado e gozozinho por mais um melgacense com pendores para a arte de transformar sentimentos em palavras. Outros escritos vieram demonstrando a capacidade de transformar as palavras em poesia. Pois não é isso que «Divagando» reflete?

talvez nem todos os leitores se apercebam, à primeira vista, de quanta poesia e ternura estão contidas na singeleza daquele pequenino artigo apresentado magistralmente em forma teatral, focalizando o Vasco e a Biti. Parabéns.

Sr. Padre Júlio: toca a estimular mais esse valor melgacense que está despontando.

A seára artística melgacense está crescendo, graças a Deus! Outros que tem pendores literários mas sofrem de acanhamento, com os novos exemplos talvez se encorajem a dar um ar de sua graça. Com a quantidade surgiria a selecção de qualidade. Mas, ... e o espaço para todos demonstrarem sua capacidade?

Não me atrevo a sugerir que empresas comerciais financiem páginas do jornal destinadas exclusivamente a colaboração literária, pois isso não lhe traria retorno; mas proponho que o poder público autárquico subvenção esse espaço. Não ajuda outros sectores culturais?...

Por estas bandas o Natal promete ser mais górdio que nunca. O plano Real está se firmando, os temores com a ordem económica e financeira desapareceram e a euforia está se apoderando de todos. O micróbio do consumismo alastra-se em moldes epidémicos. Ganhou, gastou, e parece que todos estão ganhando bem... Claro que não é assim, mas como não existe aquela desvalorização de cinquenta por cento ao mês, os preços estão se mantendo e então o povo sabe que o que vai ganhar amanhã dará para saldar os compromissos assumidos. Mas esse é um perigo que o governo está querendo atacar, para tanto aumenta exorbitantemente as taxas de juros e assim por um freio às compras a crédito. O que é certo é que neste Natal a indústria e comércio estão esfregando as mãos de satisfação, inclusive artigos importados. Já se pode comprar no estrangeiro até pelo correio, por catálogo. Há mais de trinta anos que as importações sofriam rigorosas restrições. Era difícil achar-se um produto importado; foi uma fase que trouxe certos benefícios. Com essas medidas a indústria nacional cresceu assombrosamente a ponto de competir com a estrangeira. O Brasil passou a exportar mais que importava e daí o grande superavit na balança de pagamentos.

Mas, tudo tem um mas, uma classe resolveu botar água no chopp da moçada. A euforia natalina das importações por correio foi por água abaixo. A turma dos correios resolveu fazer greve. Estão reivindicando aumento de salários e outros benefícios. O governo está pelos ajustes e todos nós estamos no prejuízo. Se esta minha correspondência não chegar a tempo a desculpa já está af...

O António Ranhada e a sua Cândida, os brasileiros melgacenses que se transferiram para Chaves, pelo que

consta continuam na maior felicidade. Em Agosto foi decretado feriado por aquelas bandas de Tras-os-Montes; aconteceu o baptizado da Clarisse. Houve arraial com grande comezaina. (E nós aqui, nada).

O Messias e a Leonora, devido ao grande sucesso da filha estão planejando novo acontecimento... e a família aplaudindo, e nós pedindo a Deus que proteja esses amigos.

Dr. Messias: este ano não teve visita...

O Armando Gonçalves, o Quintela, do Pombal, por causa do nosso jornal está reativando amizades de infância. Colegas de escola que ele achava terem completado a jornada estão por aí e querendo se comunicar. Era muita pretensão da parte dele achar que o criador só a ele privilegiaria com longa duração. Armando, os outros, teus amigos, também tem méritos... Abraços para todos.

Rio, 15-12-94  
M. Igrejas

O Manuel Silva, de Remoães, continua gozando de boa saúde e feliz com a família, mormente o neto, o famoso Lucas. No telefonema, a par das notícias boas, deu-me uma notícia triste que pediu passasse a vocês, na terra. O Francisco Manuel de Sousa, filho da Maria Pia, do Pombal, há muitos anos nesta terra, faleceu no dia 4 de Dezembro último. Foi esforçado melgacense que sempre se dedicou à agricultura, coisa que fazia com gosto e esmero. Aos 68 anos entregou a alma a Deus.

A Teresa, a beldade dos olhos verdes, mulher do Henrique Golim, resolveu prestar-nos uma homenagem. Promoveu um lauto e requintado banquete em sua mansão, magnífica vivenda que parece saída de cinema, domingo, 18 de Dezembro. No alpendre construído em moldes de bar e churrascaria cercado por pomar, aconteceu a reunião. Desde o meio dia, à medida que os convivas iam chegando eram recepcionados com castanhas de cajú, azeitonas, amêndoas, amendoim, nozes e uma série de aperitivos que o Henrique ia preparando, exibindo sua performance de bar-man com curso tirado em Arubá...

Os chegados: eu, a Guida, os nossos netos Carolina e Caio Filipe, Isabel Golim e a Tia Maria Golim; Manuel João Lourenço e sua mãe Perpétua Golim e o neto desta, João Henrique; José António Golim e sua esposa Márcia. Mais o pessoal da casa que por ser domingo e na noite anterior ter empurrado o sono até mais tarde, Lisa, Rafaela, Henrique e Guilherme, o quarteto produção do Henrique e Teresa. Mais tarde chegaram o Evaldo Mocarzel, irmão da Teresa e padrinho da Lisa, e mulher, Letícia. Este Evaldo atualmente vivendo em São Paulo, é o editor do Caderno 2 do jornal «Estado de São Paulo», o Estadão como é conhecido por sua grande tiragem e popularidade.

Como é fácil adivinhar, a princípio a conversa amena e nostálgica versou sobre a nossa terra e a sua gente; à medida que o vinho Acácio exercia seu efeito animava e os assuntos variavam e se intercavam. A empolgação acalmou para fazer as honras à salada de frutos do mar e bacalhoados à portuguesa. Foi um senhor repasto! A Teresa não parou

para que aos seus convidados nada faltasse. Com isso ganhou o troféu «Anfitriã do Ano»!

Após a sobremesa a palração voltou mais animada. O Henrique, lá pelas tantas, à falta de melhor assunto, achou de dar-me uma aula científica sobre como demolhar bacalhau, novo processo inventado por ele. Como é de vanguarda e científico vamos chamá-lo, ao invés de, por o bacalhau de molho, dizer: dessalinização dos Osteíteos Gadiformes, família dos Gadideos, género Gadus morrhua. (Com esta citação arrazei! ainda bem que tenho uma enciclopédia que ensina estas coisas). O processo dito avançado consta de imersão em água gelada no congelador. Não dou maiores detalhes por ainda não estar patenteado... Que o bacalhau servido, demolido pelo novo processo estava sublime, lá isso estava. As 22 horas, antes da debandada, ainda houve rodada de bacalhau assado.

Sem querer, a Teresa comemorou o 40º aniversário de matrimónio deste cronista e sua Guida que acontecia naquele dia. A truísteza ainda enevoa nossas almas e a data passaria despercebida não fosse a inspiração da Teresa. Obrigada, querida amiga.

O Fernando Alves, patriota empolgado, não deixa passar qualquer referência a Portugal ou aos portugueses que surge na imprensa. Um dia destes telefonou-me, delirando de felicidade com a reportagem da revista «Isto é» sobre Fernando Pessoa. Disse que foi lançado em Lisboa no dia 12 de Dezembro, último, o livro «65 Anos de Publicidade», edição de McCann Erickson, onde o famoso poeta patricio é citado como o primeiro vencedor do concurso publicitário lançado pelo refrigerante «Coca Cola», com a frase: «Primeiro estranha-se depois entranha-se».

O Fernando melgacense acha que o seu homónimo universal até em coisas de só menos importância foi grande. Estava tão animado ao transmitir-me a notícia que até parecia tratar-se de pessoa de sua intimidade...

Na véspera do natal recebi uma carta vinda da Austrália destinada ao António Côrtes. A remetente era Amélia Côrtes Nunes que não sabendo o endereço do parente sabia o meu pelo jornal, aliás vinha truncado mas o carteiro é meu chapa.

O António não trabalha mais no endereço que eu conhecia; toca a investigar; telefona para aqui, para acolá e consegui falar com este terrá-

neo amigo. Pior foi o contacto. Ele não podia vir a minha casa, o remédio foi eu ir ter com ele lá em Duque de Caxias, bastante retirado. (A quanto obriga quer ser o promotor da fraternidade melgacense).

No mesmo dia, à tarde, fui em busca do António Côrtes, ele estaria no trabalho. Posto de Serviço onde é gerente, até 17 horas. Aconteceu que não me deu todos os informes e o Posto não é muito identificável por falta de letreiro vistoso à distância e eu andei, andei, andei quase até Petrópolis. É na Rodovia Wahington Luiz (Estrada Rio-Petrópolis) mas na pista sentido Rio. Parei, pedi informação, retornei e quando cheguei passava das 17,30 hs e o António não mais estava. Entreguei a missiva australiana ao sub-gerente e conversei com a funcionária Maria do Carmo, muito atenciosa e simpática, por sinal. Frustrado por não abraçar o amigo, regresssei. Na manhã seguinte telefonei-lhe. Desculpou-se, mostrou-se radiante pela lembrança da sobrinha em escrever-lhe. Não sabia dela como não sabe de nenhum parente, por isso a sua felicidade. Contou que esta Amélia é filha de seu irmão Jaime que vive em Lisboa. Comprometeu-se a responder-lhe bem assim a escrever aos demais parentes. Uma coisa é certa, Amélia: pelo telefone não deu para ver mas sentia que estava emocionado, talvez chorando. A tua carta foi a melhor prenda de Natal que ele já recebeu em sua vida. Confessou que ninguém se lembrava dele sendo eu o único enterrâneo que vez por outra lhe telefona.

Sr. Padre Júlio: o mérito do jornal, à medida que cresce, vai encurtando distâncias entre parentes e melgacenses. Que coisa boa!

Quanto a nós, graças a Deus os parentes nunca se esquecem. Escreveram-nos: o primo Rogério, de Lisboa; o Ilídio Carriço, de Queluz; o Armindo, de França; a Esmeralda, de Melgaço, em seu nome e de toda a família; a Ofélia Rodrigues, da França; a sobrinha neta Vicenta, também da França; o Armando Malheiro, da França; o António Ranhada, do Porto e, naturalmente, o Ventura. As demais mensagens ainda estão retidas no correio que, como informei, estiveram em greve e a correspondência está atrasadíssima, inclusive o jornal.

Quem me deu o alô gostoso de sempre foi a deslumbrada, Maria José. Ela na Suíça e eu aqui no Rio ficamos.

Cont. na pág. 13

**“Na Terra de Inês Negra”** P.º Júlio Vaz

**Este livro está à venda na**  
**“Gráfica Melgacense” de**  
**Fabiano Costa**

---



**SOLIZENDE**

**SOLIZENDE**

Soc. de Construções, Lda.

**CONSTRUÇÃO E VENDA**

**Vila Praia de Âncora** A 200 METROS DO MAR

**Apartamentos com**

- Garagem
- Antena Parabólica
- Parque Infantil
- Gás Canalizado
- Aquecimento Central
- Vistas para o mar

**Escritório:**

**Rua 5 de Outubro, 306**

Tel/Fax (058) 951655

**4915 - VILA PRAIA DE ÂNCORA**